



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**PALAVRAS NO CORDÃO: LEANDRO GOMES DE BARROS E A
PASSAGEM DA LITERATURA ORAL PARA A LITERATURA ORAL
ESCRITA (CORDEL, 1893-1910)**

GISLANEA NUNES COSTA

CAJAZEIRAS-PB

2012

GISLANEA NUNES COSTA

**PALAVRAS NO CORDÃO: LEANDRO GOMES DE BARROS E A
PASSAGEM DA LITERATURA ORAL PARA A LITERATURA ORAL
ESCRITA (CORDEL, 1893-1910)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB

2012

GISLANEA NUNES COSTA

**PALAVRAS NO CORDÃO: LEANDRO GOMES DE BARROS E
PASSAGEM DA LITERATURA ORAL PARA A LITERATURA ORAL
ESCRITA (CORDEL, 1893-1910)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de graduada em História.

Monografia aprovada em: ____/____/2012

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Francisco Firmino Sales Neto – UFCG – Orientador

Profa. Ms. Rosilene Alves de Melo – UFCG – Examinadora

Profa. Ms. Ana Rita Uhle – UFCG – Examinadora

Profa. Ms. Silvana Vieira de Sousa – UFCG – Suplente

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

C837p	Costa, Gislanea Nunes Palavras no cordão: Leandro Gomes de Barros e a passagem da literatura oral para a literatura oral escrita (cordel, 1893-1910) Gislanea Nunes Costa. Cajazeiras, 2012 62f. Orientador: Francisco Firmino Sales Neto Monografia (Graduação) – CFP/UFCG 1.Literatura de cordel – 1893-1910. 2. Literatura oral. 3.Literatura escrita. 4.Barros, Leandro Gomes – transição literatura oral para escrita. Sales Neto, Francisco Firmino II. Título. UFCG/CFP/BS CDU – 398.51”1893-1910
-------	---

Dedico a **Genaldo, Edineide, Patrícia, Ornilo Doralice, Francisca e Agostinho** (em memória).

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me concedeu força, coragem e determinação para superar os obstáculos e provações existentes ao longo dessa difícil caminhada.

Aos meus pais, **Genaldo Ferreira** e **Edineide Nunes**, as duas pessoas mais importantes da minha vida. Obrigado pelo respeito, pelos ensinamentos, pelo incentivo e pela força que me transmitiram ao longo dessa caminhada.

A minha irmã **Patrícia América**, pela compreensão e incentivo que me proporcionou sempre que necessário.

Aos meus avôs paternos **Ornilo Ferreira** e **Doralice Alves**. Amo muito vocês!

Aos meus avôs maternos **Francisca Nunes** (Quelê) e **Agustinho Nunes** (em memória). Um avô cuidadoso com quem teve o prazer de conviver e dividir muitos momentos da minha vida. Hoje só restam saudades e recordações.

A turma de graduação 2008.1, que compartilhou comigo os momentos de alegria, incerteza, tristeza e conhecimento no decorrer desses nove períodos de convívio. Em especial a **Francisca da Silva**, **Mariana Willendorff**, **Maria Cirana**, **Rosimeire Pereira**, **Maria José**, **Luciana de Sousa**, **Ana Cynthia**, **Thays Barros**, **Rosiane Alencar**, **Adriana Ferreira** e **Ana Paula**. Vocês foram mais que amigas, foram irmãs.

Os meus sinceros agradecimentos a meu orientador, Prof. Ms. **Francisco Firmino Sales Neto**, pela compreensão, interesse e dedicação comigo e com o tema abordado. Também pela disponibilidade de atendimento no decorrer do trabalho.

Agradeço a minha banca examinadora pela disponibilidade em avaliar meu trabalho.

A **Júnior Telmo** pela orientação e pelo material fornecido para realização desse trabalho.

Ao meu namorado, **Gideone Herbert**, pelo incentivo e pelos gestos de carinho e amor que teve por mim nesse período.

Aos meus tios e tias. Em especial, **Maria José**, que me influenciou na escolha do tema, **Edilene Nunes**, que esteve ao meu lado durante todo tempo de realização deste trabalho, e a **Luzineide Ferreira**, pela acolhida em sua residência sempre que necessário.

A todos os meus primos. Em especial, a **Wan Walles**, **Vanuzia Nunes**, **Francisca Vanubia** e **Erika Almeida** que vivenciaram e compartilharam da minha caminhada.

Agradeço ainda a todos os meus amigos. Em especial, a **Fabiana Andrade, Everton Vieira e Alessandre Ferreira** pelas palavras de incentivo e determinação que me concederam nos momentos difíceis que vivenciei no decorrer dessa batalha.

CORDÃO DE PALAVRAS

As palavras são como cordas de longo alcance

Libertam nossas expressões contidas

Falam o que o pensamento percebe e guarda

Para responder com os dedos na tela

Palavras sensíveis numa corda bamba

De cordas vocais

Com a corda toda: o verbo

Palavras de honra

Palavras eruditas

Palavras cruzadas

Palavras vazias

Corda que mede as palavras

Segura e liberta a intimidade minha e tua

Pensa as palavras

Santas palavras

Dizem escondido o que sentimos

Até o nosso encontro...

M Sales, (www.mythospoetico.blogspot.com)

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar as transformações ocorridas na literatura oral no final do século XIX e início do século XX, no que se refere à passagem da literatura oral para a literatura oral escrita, por meio do cordel. Nesse sentido, a problemática deste trabalho analisa o papel desempenhado pelo cordelista Leandro Gomes de Barros no decorrer desse processo, no período equivalente ao início da década de 90 do século XIX e a primeira década do século posterior. Os pressupostos teóricos desta pesquisa foram pautados pelas noções de cultura popular, de literatura oral e de literatura oral escrita. Nessa perspectiva, foram fundamentais na elaboração deste trabalho obras como: “A cultura no plural”, de Certeau; “Literatura oral no Brasil” e “Cinco livros do povo”, de Cascudo; “O que é literatura popular”, de Luyten; “A invenção do Nordeste e outras artes”, de Albuquerque Junior; “Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel”, de Melo; “História do Brasil em cordel”, de Curran; “Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893- 1930), de Terra; “O velho Arrial de Piranhas (Pombal)”, de Seixas. A coleta de dados foi obtida através de análise bibliográfica realizada na biblioteca da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras e na Casa da Cultura da cidade de Pombal. Além de folhetos fornecidos por particulares, “Pombal cantando em verso”, do cordelista pombalense José de Sousa Dantas; e “Cordel em arte e verso”, de Moreira de Acopiara. Ambos os cordéis foram utilizados para reforçar a importância de Leandro Gomes de Barros para o surgimento da literatura popular escrita.

Palavras-chave: Pombal. Leandro Gomes de Barros. Literatura Oral. Literatura Oral Escrita. Cordel.

ABSTRACT

This research aims to analyze the changes occurring in the oral literature in the late nineteenth and early twentieth century, with regard to the passage of oral literature to literature oral written, through the string. In this sense, the issue of this paper examines the role played by cordelist Leandro Gomes de Barros in the process, in the same period to the beginning of the 90s of the XIX century and the first decade of this century later. The theoretical background of this research was guided by notions of popular culture, oral literature and oral literature written. From this perspective, were instrumental in producing this work works as: "The culture in the plural," of Certeau, "Oral Literature in Brazil" and "Five books of the people," of Cascudo, "What is popular literature" by Luyten; "The invention of the Northeast and other arts," of Albuquerque Junior; "Arcanos of the verse: trajectories of string literature," of Melo, "History of Brazil in string," of Curran; "Memory struggles: literature handouts Northeast (1893 - 1930), of Terra; "The old Arrial of Piranhas (Pombal)," of Seixas. Data collection was obtained through literature review conducted in the library of the Federal University of Campina Grande, Campus Cajazeiras and the House of Culture in Pombal. Besides brochures provided by individuals, "Pombal singing in verse," of the Pombalense cordelist José de Sousa Dantas, and "String in art and verse," of Moreira de Acopiara. Both strings were used to reinforce the importance of Leandro Gomes de Barros for the emergence of popular literature written.

Keywords: Pombal. Leandro Gomes de Barros. Oral Literature. Oral Literature Writing. String.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – POMBAL, LEANDRO GOMES DE BARROS E O CORDEL.....	19
1.1 Pombal oitocentista.....	20
1.2 Oralidade e literatura.....	22
1.3 O nascimento da poesia popular pombalense.....	25
1.4 Leandro Gomes de Barros.....	29
CAPÍTULO II – CORDEL E POESIA: A ARTE EM FORMA DE RIMA.....	32
2.1 Cordel, elemento popular	33
2.2 Escrever e reescrever cordéis.....	37
2.3 Difusão e comercialização	42
CAPÍTULO III – LEANDRO GOMES DE BARROS E A LITERATURA ORAL ESCRITA.....	46
3.1 Leandro Gomes de Barros e a literatura oral escrita.....	46
3.2 Folhetos de cordéis.....	51
3.3 Análise do folheto “História da Donzela Teodora”.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

Este estudo faz referência às práticas desenvolvidas na literatura oral, durante a passagem do século XIX para o século XX, relacionando às transformações pelas quais ela passou ao longo desse período, dando assim, o surgimento do cordel. A problemática deste trabalho está voltada à análise do papel desempenhado por Leandro Gomes de Barros no processo de transição da literatura oral para a literatura oral escrita, isto é, para o surgimento do cordel. O recorte temporal utilizado nesta pesquisa referencia o início da década de 90 do século XIX até a primeira década do século XX. Período que compreende a impressão do primeiro folheto de Leandro Gomes de Barros até a criação da Tipografia Perseverança.

Nessa abordagem serão analisadas as contribuições de Leandro Gomes de Barros para a literatura de cordel. Este cordelista nasceu na fazenda Melancia, no município de Pombal no estado da Paraíba, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu na cidade de Recife no estado do Pernambuco, no dia 04 de março de 1918.

Pombal está localizada no alto sertão paraibano, na região semiárida do Nordeste, a 372 km da cidade de João Pessoa, capital paraibana. Sousa (2007) afirma que a cidade de Pombal recebeu essa denominação em homenagem à antiga cidade de Pombal localizada em Portugal.

Propomos realizar neste trabalho um estudo sobre a cultura popular de Pombal, com o objetivo de destacar que além de Leandro Gomes de Barros existiram outros poetas na sociedade pombalense que desempenharam um papel importante para o desenvolvimento da poesia local.

Um dos motivos que me levaram a abordar esse tema deve-se ao fato de ter nascida no município de Pombal, cidade que também serviu de berço para o nascimento do cordelista Leandro Gomes de Barros, um dos mais destacados poetas do Brasil.

Outro fator que impulsionou o desenvolvimento deste trabalho foi não ter conhecimento da existência de trabalhos locais acerca do tema, pois até o momento nenhum pesquisador pombalense teve a iniciativa de estudar a cordelística de Leandro Gomes de Barros.

Uma das minhas intenções é incentivar as gerações futuras de pesquisadores pombalenses a estudarem e escreverem trabalhos que relatem um pouco da nossa cultura e história, pois Pombal é uma cidade que dispõe de muitas fontes históricas que podem possibilitar o surgimento de diversificados temas de estudos.

Por outro lado, este trabalho tem uma relevância social porque desenvolve uma pesquisa sobre a literatura de cordel, percebendo-a como um importante elemento cultural brasileiro. Para destacar sua importância, garantir sua conservação e estimular seu acesso, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) vem desenvolvendo um processo de estudo e registro do cordel na categoria de patrimônio imaterial brasileiro, submetendo-o à proteção e à assistência dos poderes públicos. Sendo assim, esta pesquisa foca-se na trajetória de um dos principais cordelistas brasileiros e torna-se fruto das iniciativas do IPHAN para ressaltar a importância do cordel para a cultura local e brasileira.

Pombal é uma terra onde as expressões do âmbito cultural se apresentam de diferentes formas, a partir da apresentação de grupos folclóricos, através das músicas e das danças. Medeiros (2009, p.11) classifica-a como “um celeiro cultural”, pois a cidade serviu de berço para criativos poetas repentistas, pois por meio de suas poesias levaram alegria a muitos pombalense no final do século XIX e início do século XX.

As festas tradicionais pombalenses apresentam-se através de diferentes manifestações culturais, como o aniversário da cidade, que ocorre no dia 21 de julho. Nesse período, a Prefeitura Municipal seleciona “filhos ilustres”, ou seja, é uma homenagem àqueles que conseguiram se destacar no cenário local e nacional. Em 2007, especialmente, as festividades tiveram uma vasta e diversificada programação alusiva aos 145 anos de emancipação política de Pombal. O homenageado daquele ano foi o cordelista Leandro Gomes de Barros.¹

A festa de Nossa Senhora do Rosário é outro evento local de caráter religioso e cultural, que ocorre todos os anos na primeira semana de outubro. Sua abertura é realizada com a missa e o hasteamento da bandeira e, durante dez noites, ocorrem novenas. O encerramento acontece no domingo com o acompanhamento do rosário. Esse momento festivo religioso conta com a presença de um grande número de fiéis e devotos de Nossa Senhora do Rosário demonstrando a fé, através de penitências, por causas graças alcançadas. O evento constata com uma forte presença da cultura oral expressa pelas representações de grupos folclóricos, a exemplo dos congos, pontões e reisados. Neste sentido o folclorista Câmara Cascudo (1984, p.24) diz:

¹A homenagem ocorreu nos dias 19 e 21 de julho, a partir das 16:00h, na “Casa da Cultura”, local onde foi ministrado o mini curso, “Leandro Gomes de Barros: um cronista popular” pela Prof./Dra. Ione dos Santos Severo. No dia 21 de julho também ocorreu o lançamento de livros e folhetos de autoria de Verneck Abrantes e Ione dos Santos Severo.

Todos os autos populares, danças dramáticas, as jornadas dos pastoris, as louvações das lapinhas, Cheganças, Bumba-meu-boi, Fandango, Congos, o mundo sonoro e policolor dos reisados, aglutinando saldos de outras representações apagadas na memória coletiva, resistindo numa figura, num verso, num desenho coreográfico, são os elementos vivos da literatura oral.

Dessa forma, percebemos que a cultura na sociedade de Pombal se apresenta a partir da ação de sujeitos sociais distintos. Uns demonstram conhecimentos e diversões, já outros expressam tradição, fé e entretenimento através das danças que são exibidas tradicionalmente pelos grupos folclóricos. Pode-se perceber que a literatura oral está presente na sociedade pombalense por meio das manifestações culturais expressas pelos grupos folclóricos a partir das crenças, dos valores, dos cantos e das danças.

A literatura oral, segundo Cascudo (1994, p.10) “possui a característica de sua transmissão verbal”. Essa literatura do final do século XIX e início do século passado, que era difundida verbalmente e conduzida através da memória popular passa a ser registrada pelos poetas através de escritos. Sousa (2007) relata que o pombalense Leandro Gomes de Barros foi o pioneiro da escritura da literatura oral, pois foi o primeiro a escrever, editar e comercializar os pequenos livretos que receberam o nome de cordéis.

A Literatura de Cordel tem raiz européia e chega ao Brasil com os colonizadores portugueses através da oralidade e propaga-se primordialmente em Salvador, posteriormente essa literatura oral ganha dimensões e expande-se para outras áreas do Norte brasileiro.

O cordel é uma manifestação artística e cultural e para elaborá-lo os cordelistas escrevem e reescrevem seus versos utilizando da arte e da criatividade. Eles transformam histórias do dia a dia e acontecimentos históricos em forma de poesia, assumindo o papel não só informativo a população do que está ocorrendo no mundo e na localidade, mas também exercem o papel de proporcionar diversão e entretenimento a seus leitores. Nas palavras de Curran, (2003, p.32). “o texto cordeliano tanto pode ser um relato jornalístico quanto um comentário jocoso ou satírico do dia”. Os folhetos de cordéis do final do século XIX e do início do século XX eram veículos informativos que desempenhavam a função dos meios de comunicação popular. Assemelham-se aos jornais de hoje, nos quais os poetas desempenhavam a função de jornalistas, transformando as histórias orais do cotidiano em

versos. No processo de elaboração dos cordéis eram abordados diversificados temas que iam desde o cangaço até os principais acontecimentos políticos do país.

É nesse sentido que CURRAN (2003, p.28) afirma:

Falaram de desastres naturais, crimes, conflito político local e nacional, cangaço, fanatismo religioso, crises econômicas e embates ideológicos, muitas vezes com repercussões sociais, religiosas e políticas. O cordel tratará de tudo isso, desde que interesse ao poeta e a seu público de leitores humildes.

Nessa perspectiva, percebemos que a intenção dos cordelistas, ao produzirem seus versos, ia além da informatização da população sobre os acontecimentos regionais, nacionais e mundiais, mas levar alegria ao público e buscar na poesia uma forma de sobrevivência, pois seus versos logo após a impressão eram vendidos para obter o sustento da família. Desse modo, havia certos cuidados na hora de escolher os temas para desenvolver os cordéis, pois para repercutirem na sociedade deveriam abordar assuntos que despertassem a curiosidade e a atenção da população, como retrata ACOPIARA (2008, p.17), nas seguintes estrofes:

Nesse tempo no Nordeste [sic]
 Televisão não havia.
 Também não havia rádio,
 Muito menos energia
 Mas o povo era sensível
 Gostava de poesia.

E quando surgia uma
 Notícia espetacular
 De catástrofe ou de guerra,
 O poeta popular
 Preparava seu poema
 E saía a declamar.

Depois mandava imprimir
 E o comercializava.
 Chegava às feiras livres,
 Em um canto se instalava,
 Declamava, enquanto o povo
 Atento ouvia e comprava

Após escreverem seus cordéis, os cordelistas saíam com o intuito de comercializá-los, sendo que o local mais propício para a realização dessa atividade eram as feiras locais, onde os poetas instalavam-se e declamavam seus versos e depois vendiam seus cordéis. A

população atenta ouvia a declamação dos versos, depois que os compravam levavam para casa.

Segundo CASCUDO, (1984, p.28)

A produção literária destinada ao povo independe perfeitamente da vontade do autor. [...]. A maioria desses folhetos é lida para os que não sabem ler, nas varandas, copiães, terraços, calçadas, em roda, atentos, silenciosos. Ainda hoje, nas fazendas de gado do Nordeste, nas vilas e cidade brasileiras, em todo território, há uma assistência obstinada para essa literatura, em voz alta, lenta, ou arrebatada e tatalante nas passagens emocionais ou belicosas.

O público ouvinte dessa literatura popular era simples, em sua maioria analfabetos e a leitura dos folhetos era realizada pelos letrados da época, ou até mesmo pelos próprios autores que declamavam os versos para que as pessoas se reunissem ao redor das fogueiras nas fazendas.

No sertão, o paraibano Leandro Gomes de Barros foi um dos cordelistas mais fecundos da sua época. Fez uso de temas diferenciados dando ênfase aos chamados “temas de época”, aqueles que retratavam os daquele tempo, como cangaço, religiosidade, problemas sociais e políticos.

Segundo ACOPIARA, 2008 (p.12)

Leandro foi, a meu ver,
O primeiro sem segundo;
Foi ele o mais cuidadoso,
Se não o mais profundo.
Mas foi, com toda certeza,
No seu tempo o mais fecundo

Primo pela qualidade,
Teve vasta produção,
Vendeu muitos mil cordéis,
E, em certa ocasião,
Drummond o chamou de príncipe
Dos poetas do sertão.

A produção de folhetos de cordéis requer certo cuidado na hora de escrever e reescrever as rimas. É fundamental analisar como ocorrem essas práticas, de onde os cordelistas tiram tanta inspiração e criatividade para transformar um tema simples, uma narrativa oral, em versos impressos em forma de folhetos e mostrar como ocorria a divulgação e a comercialização dos folhetos nas feiras da região.

Para ACOPIARA, (2008 p.16-17).

Vendidos nas feiras livres,
Pendurados num cordão,
Esses livretos viraram
O jornal da região,
Levando conhecimento
Àquela população.

Os pressupostos teóricos dessa pesquisa estão ancorados na cultura popular, pois vão dar ênfase à trajetória da literatura de cordel. Segundo Certeau, a cultura também se desenvolve através dos meios de comunicação popular. O cordel, como veículo informativo, serve primordialmente para a difusão dessa cultura em outros estados brasileiros. Este trabalho também está voltado para analisar o surgimento da literatura oral e, posteriormente, com Leandro Gomes de Barros, da literatura oral escrita.

O autor Walter Ong (1988, p.52) afirma: “Obviamente, a escrita é conservadora a seu próprio modo”. Levando para o lado da literatura oral, podemos perceber a importância dessa escrita para preservação dos poemas que antes eram divulgados oralmente pelos cantadores repentistas. Por não serem registradas, as manifestações orais corriam riscos muitas vezes de serem modificadas ou desaparecidas, mas nesse sentido a escrita teve a capacidade de registrar e conservar essas manifestações.

Certeau (1995, p.42-43) afirma:

[...] Sem dúvida, é atualmente um problema novo encontra-se diante da hipótese de uma pluralidade de culturas, isto é, de sistemas de referências e de significados heterogêneos entre si. A homogeneização das estruturas econômicas deve corresponder a diversificação das expressões e das instituições culturais [...].

Levando em conta as palavras proferidas acima pelo autor, fica descartada a possibilidade de a cultura ser apresentada na sociedade como uma manifestação expressada de forma homogênea. A cultura se apresenta de várias formas com sujeitos sociais

diversificados, pois suas raízes estão fortemente ligadas a questões políticas, econômicas e sociais, como podemos citar algumas.

Obras que abordam esses temas, a saber: “O velho Arraial de Piranhas (Pombal); Seixas, “A trajetória política de Pombal”; Sousa, “A cultura no plural”, de Certeau; “Literatura oral no Brasil” e “Cinco livros do povo”, de Cascudo; “O que é literatura popular”, de Luyten; “A invenção do Nordeste e outras artes”, de Albuquerque Júnior; “Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel”, de Melo; “História do Brasil em cordel”, de Curran; e “Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893- 1930)”; de Terra. Além de reportagem exibida sobre a literatura de cordel, pela Rede Globo no Programa Globo Rural e de folhetos “Pombal cantando em cordel”; do cordelista Dantas, e “Cordel em arte e verso”, do poeta Acopiara.

Nessa perspectiva, autores como Sousa e Seixas abordam a história social, política, econômica e cultural da cidade onde nasceu o cordelista Leandro Gomes de Barros. Certeau apresenta em sua obra o conceito de cultura. Medeiros fala do surgimento da cantoria dos primeiros cantadores em Teixeira. Albuquerque Júnior faz uma análise da região Norte do Brasil, local onde o cordel se instalou. Procurando mostrando que esse elemento da cultura popular surgiu nessa área no momento em que se iniciava os discursos para a criação de uma nova região chamada Nordeste. Walter Ong relata sobre oralidade e escrita, mostrando a relação de dependência entre ambas. Os cordelistas Dantas e Acopiara vem através de versos reforça a importância de Leandro Gomes de Barros para a literatura popular. Os demais autores e a reportagem discutem como ocorreu à chegada e a disseminação da literatura de cordel na sociedade brasileira, destacando as modificações pelas quais ela sofreu ao longo dos anos.

Os dados desta pesquisa foram colhidos através de levantamento bibliográfico feito na biblioteca da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, na “Casa da Cultura” da cidade de Pombal e com particulares.

No primeiro capítulo, *Pombal, Leandro Gomes de Barros e o cordel*, analisa-se a cidade de Pombal a partir da segunda metade do século XIX. Nesse capítulo há discussões acerca das ações da literatura oral no seio da sociedade pombalense, no final do século XIX início do século XX, mostrando que Leandro Gomes de Barros não foi o único cordelista local da época e dando ênfase um pouco da vida de Leandro Gomes de Barros, enaltecendo sua contribuição para o surgimento da literatura de cordel.

No segundo capítulo, *Cordel e poesia: a arte em forma de rima* está focado a história do cordel na região Norte, destacando a importância desse veículo de comunicação para os poetas serem considerados os repórteres do povo ao utilizarem os cordéis para divulgarem os problemas e os acontecimentos que estavam ocorrendo na sociedade da época. Eram trabalhados temas como o cangaço, a seca, o sofrimento, a mulher, as catástrofes, histórias de amor, etc.

O processo de escrita e reescrita dessa arte poética também tem destaque, que nos primórdios, era apenas recitada e divulgada através de narrativas orais nas feiras livres, e só a partir do final do século XIX que essas histórias rimadas ganharam vida e passaram a ser produzidas e impressas através de folhetos.

A ênfase no surgimento das tipografias que começaram a surgir no início do século XX. Essa produção passa a ser privada e os folhetos impressos pelos próprios poetas e não mais produzidos em tipografias de jornais que realizavam serviços gráficos.

No terceiro capítulo, *O cordel na poética de Leandro Gomes de Barros*, A relevância é análise dos fatores que contribuíram para o sucesso do cordelista Leandro Gomes de Barros. Na conclusão do capítulo tem-se uma análise do cordel *A História da Donzela Teodora*. Como exemplo da cordelística de Leandro Gomes de Barros.

CAPÍTULO I

POMBAL, LEANDRO GOMES DE BARROS E O CORDEL

Este capítulo tem por objetivo a realização de uma breve apresentação da cidade onde nasceu o cordelista Leandro Gomes de Barros. Para tanto, foi-se necessário realizar um estudo superficial, de modo que abordasse a história da cidade de Pombal, no estado da Paraíba. Vale salientar que a construção deste trabalho aborda os aspectos políticos, econômicos e culturais presentes na sociedade pombalense, entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Aqui discutimos o uso da literatura oral no seio da sociedade, que em seus primórdios se apresentavam através da declamação de poemas e versos produzidos pelos cantadores repentistas. Essa manifestação cultural, transmitida verbalmente de geração para geração através da oralidade, permanece viva até hoje na memória de muitos.

No século XIX a partir da década de 60, Pombal emergiu como berço para o nascimento de figuras que se destacaram por sua inteligência e criatividade. Está presente nessa discussão um pouco da produção poética de Leandro Gomes de Barros, Silvestre Honório, Cazuzza Ferreira*, Belarmino de França e Chica Barrosa*.²

De acordo com Medeiros (2009, p.11),

O município de Pombal no Estado da Paraíba é considerado um berço de poetas, um celeiro cultural que emerge espontaneamente dos diversos segmentos da população. É terra de Leandro Gomes de Barros, Silvestre Honório, Cazuzza Ferreira, Belarmino de França, Chica Barrosa e outros, além de escritores e figuras de destaque.

Esses poetas naturais de Pombal, citados pela autora são considerados os principais responsáveis pela expansão da literatura oral e, posteriormente, literatura oral escrita na cidade. Os trabalhos desenvolvidos por esses repentistas foram fundamentais para o surgimento das manifestações culturais poéticas existentes em Pombal.

Ainda neste capítulo objetiva-se realizar uma pequena apresentação sobre a biografia de Leandro Gomes de Barros que para Curran, (2003, p.43) “foi incontestavelmente o maior escritor do cordel antigo”.

² Francisca Maria da Conceição, conhecida como Chica Barrosa ou Chica Barroso. José Ferreira de Lima, conhecido como Cazuzza Ferreira.

1.1 Pombal, oitocentista

Pombal foi o primeiro núcleo populacional da região do sertão paraibano, originando outros núcleos habitacionais.

Seixas (2000, p.130) afirma que Pombal foi:

[...] o primeiro agrupamento humano que se formou no Alto Sertão da Paraíba, centro de irradiação territorial e fonte de onde se originaram outros núcleos de população que, hoje, ostentam, sob variados aspectos, a grandeza do seu progresso e luxo da sua civilização.

A cidade está localizada no alto sertão da Paraíba, sendo a quarta cidade mais antiga do estado.

Para Dantas, (2011, p.08) Pombal é:

Considerada a primeira
Vila do alto sertão
Da Paraíba, o Estado,
Pela sua ocupação;
É preciso que se diga,
É a quarta mais antiga
Cidade de tradição.

Em 1865, quando o cordelista Leandro Gomes de Barros nasceu, fazia apenas três anos que Pombal tinha recebido o *status* de cidade, mas era uma das mais estruturadas do sertão paraibano. Sousa, (1999, p.32) faz um esboço sobre as principais edificações que a cidade de Pombal dispunha no momento de sua elevação à categoria de cidade, da seguinte forma:

[...] Na época, além da atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário, um açude, um mercado, cadeia e a casa da Câmara, as edificações residenciais não passavam de cem casas e formavam apenas três pequenas ruas: a dos Prazeres, depois denominada de Rua do Comércio (hoje Cel. João Leite), a rua do Rio (hoje Cel. José Fernandes) e a de São Benedito, situada ao sul, além de outras casas isoladas, dando formação ao antigo largo do Bom Sucesso.

Pombal, assim como algumas cidades do Sertão paraibano, foi alvo de períodos de longas estiagens.

Seixas (2004, p.41) diz:

Infelizmente, a nossa região está sujeita aos fenômenos cíclicos, causa do retardamento do nosso progresso econômico e industrial. Há aqui uma perfeita correlação entre estes dois problemas. A seca com todo o seu cortejo de misérias e humilhações têm exercido profunda influência na economia do município de Pombal.

Esses períodos de seca, que atingiram à região de Pombal, provocou a redução da produção agrícola, ocasionou o atraso no desenvolvimento econômico, prejudicando o progresso industrial da cidade.

Afirma Seixas (2004, p.414):

As estatísticas enumeram para Pombal as seguintes secas: 1692, 1721, 1745, 1777, 1791, 1802, 1825, 1845, 1877, 1915, 1919, 1932, 1942, 1953 e 1958. Consta-nos, conforme tradição oral, que foram as secas de 1777 e 1877 as que maiores devastações produziram no seio da nossa população.

Dentre os períodos de estiagens na cidade de Pombal, o ano de 1877 foi um dos que mais repercutiu na sociedade pombalense, pois nessa seca devastadora, ocorreu um ato criminal de pura selvageria, considerado como um caso de antropofagia. Seixas, (2004) comenta que uma mulher de nome Donária dos Anjos confessou que, para não morrer de fome, matou, por meio de sufocação, uma criança de apenas quatro anos de idade, decepando-lhe a cabeça, partiu o corpo em vários pedaços e depois os cozinhou para comer.

Nesse mesmo ano em que ocorreu o caso de antropofagia, Sousa (2010, p.03) relata fazer “[...] apenas 15 anos que Pombal tinha passado ao *status* de cidade isolada e com acesso exclusivamente por caminhos de terras. A época era dos carros de bois e cascos dos cavalos pelas veredas do sertão. Os homens percorriam léguas a pé, para chegar ao seu destino [...]”. Nesse período a maior parte da população pombalense estava concentrada na zona rural e a cidade, assim como muitas outras do estado, com acesso restrito apenas a estradas de terra, encontrava-se isolada.

Já no ano de 1892, Irineu Joffily *apud* Sousa, (1999, p.33) descreve a cidade de Pombal da seguinte forma: “Tem 230 prédios, duas Igrejas uma das quais ainda não concluídas e a cadeia, a maior e a melhor do interior do Estado. Pombal apesar de ser, como vila, a mais antiga do sertão, é a menor das 10 cidades da Paraíba”. Após 30 anos da elevação

de vila à categoria de cidade, o autor referencia o retardamento ocorrido no desenvolvimento de Pombal em relação aos de outras cidades do Estado.

Segundo Sousa (1999), durante o período Imperial, o poder executivo das cidades paraibanas era representado pelo presidente do Conselho Municipal, conhecido atualmente por Câmara Municipal. Em Pombal, o primeiro presidente desse Conselho foi o Major Francisco Adelino Pereira, que teve como função nomear os componentes que iriam fazer parte do Conselho. Com a Proclamação da República, esse poder executivo foi renomeado, mas passou o controle ao presidente da Intendência. Com a constituição de 1895, esse poder foi novamente renomeado e passou a ser ocupado pelo presidente do Conselho Municipal. E, em 1895, com o surgimento do cargo de prefeito para exercer o Executivo, o Conselho Municipal assumiu apenas a função de legislar.

Na concepção de Sousa (1999, p. 39-40)

Da elevação de Pombal como vila, passando pela cidade e até o início do século XX, naturalmente surgiram vários chefes políticos que compuseram a vida política Municipal, e com certeza aqui não foram todos minuciosamente relacionados, até por falta de dados históricos. Esses representantes eram indicados por votos do consenso partidário, pessoas geralmente surgidas das famílias mais tradicionais da cidade ou de destaque na comunidade, durando essas representações um ano.

Com base na citação supracitada, constatamos que a política pombalense até o início do século XX era regida pelos chefes políticos locais nomeados para tal cargo. Assim, eram selecionados para assumir os cargos políticos as pessoas que faziam parte de famílias tradicionais. Uma política subordinada aos mandos locais, na qual a população sofria com a ausência do assistencialismo.

Sousa (1999, p.48) apresenta Pombal no início do século XX da seguinte forma: “[...] era ainda uma pequena cidade, com seis ruas e outras casas isoladas, alto índice de analfabetismo, tendo como principal renda a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, atrasadas”. A falta de assistência social das autoridades políticas, com relação à população pombalense nos períodos de estiagens, prejudicava a produção e contribuindo para o atraso do desenvolvimento da cidade.

1.2 Literatura e oralidade

A literatura oral brasileira sofreu influências européias e indígenas durante a colonização. Isso ocorreu devido ao contato existente entre os povos que aqui chegaram e os que aqui já habitavam.

Na cidade de Pombal, no final do século XIX, a literatura oral atuava com mais vigor na sociedade através da ação desenvolvida pelos poetas e repentistas locais. E através da oralidade essa literatura se difundia, sendo registrada na memória dos pombalenses.

Cascudo (1984, p.366) cita a presença da literatura oral da seguinte forma:

[...] Todas as cidades, vilas e povoações possuem, em vibrante intensidade ininterrupta, uma literatura oral expressa na poesia social, nas fórmulas infantis, nas estórias, nos adágios, na representação dos autos dramáticos, nas cantigas anônimas, nas velhas modinhas, na musicalidade diferencial dos timbres com que o idioma é modulado no território nacional.

O autor coloca que a literatura oral está presente nas cidades a partir de distintas formas de manifestações culturais. Em Pombal, essa literatura difundia-se não só através dos poetas populares como, Leandro Gomes de Barros, Silvestre Honório, Cazuzza Ferreira, Belarmino de França e Chica Barrosa, mas também, era expressa pelos grupos folclóricos, reisados, pontões e congos. Cascudo (1994, p.10) acrescenta que: “[...] a Literatura Oral era uma persistência miraculosamente mantida através de séculos, independentemente do ambiente letrado oficial e de todas as coerções do ensino ritual e administrativo”. Por isso, mesmo com o alto índice de analfabetismo, a literatura oral agia na sociedade pombalense por meio das poesias, das canções, das músicas e dos cânticos.

Os temas mais utilizados pelos poetas na composição das rimas eram muitas vezes os acontecimentos locais, assuntos interessantes que despertavam o interesse do público, como por exemplo ato de canibalismo ocorrido em Pombal, no ano de 1877, serviu como tema para muitos poetas produzirem seus versos.

De acordo com Sousa (2010, p.01),

Antes de ter a repercussão política na alta corte do Império, como não poderia deixar de ser, o caso de canibalismo ocorrido em Pombal foi registrado no principal meio de divulgação da época, que era a poesia popular. Certamente muitos destes registros se perderam, vezes que a poesia popular é notadamente de cunho eminentemente oral, declamada ou cantada, improvisado, “de repente”, facilmente dissipada com a ação do tempo.

O fato de essa notícia ter se transformado em tema para a elaboração de cordéis pelos poetas da época vem mostrar a importância atribuída aos folhetos no que se refere à divulgação dos acontecimentos. Vejamos o que diz Cascudo (1984, p.17) “[...] Certamente a fonte impressa suprirá as deficiências das falhas na transmissão oral”. O autor mostra que a poesia oral, por não ser registrado em papel, ficava apenas viva na memória coletiva das pessoas. As informações que se propagavam através da voz, transmitidas de boca em boca, ficavam expostas e estavam sujeitas a se perderem ao longo dos anos ou, até mesmo, sofrerem alterações. Então, os folhetos de cordéis que surgiram a partir da existência da literatura oral escrita representaram uma forma de preservação da poesia.

No final do século XIX, a literatura oral difundia-se na sociedade pombalense através de diversificadas formas, que iam desde declamações de poesias até desafios de viola. Os poetas e cantadores que se apresentavam nas cantorias tornaram-se propagadores dessa cultura.

Medeiros (2009, p.11) afirma que falar de cantoria é:

(...) falar de versos de improviso, de desafios, de poesia popular, de cultura genuinamente nordestina, cuja tradição exige rapidez de raciocínio, rima, métrica, cadência, ritmo, linguagem poética e criatividade, imagem, oração, além do manejo de um instrumento (pandeiro, viola, rabeça, sanfona), voz toada e melodia.

A autora apresenta a cantoria como uma cultura popular, em que se faz necessário uma alta capacidade de raciocínio na hora do desafio para criar momentaneamente os versos, além da utilização de instrumentos para acompanhar a declamação dos poemas e a disputa poética. A manifestação da literatura oral, no final do século XIX, sofreu modificações a partir da impressão dos folhetos, pois esses versos que antes eram divulgados apenas oralmente ganharam uma nova roupagem e originaram uma espécie de literatura oral escrita.

De acordo com Curran, (2003, p.17)

A ligação da literatura de cordel com a poesia oral e improvisada – o duelo-desempenho poético e folclórico de dois cantadores, com sua estrutura básica de desafio-resposta – e com os temas tradicionais folclóricos é só uma faceta de seu papel de mais impresso popular muito difundido no cenário urbano, mas de grande relevância no cenário rural [...].

Na concepção do autor, além da existência de ligação entre cordel e poesia oral, ambas são compostas de rimas. Podemos perceber esta relação na sociedade pombalense, pois enquanto

Chica Barrosa era poeta repentista e cantava seus versos de improviso, Leandro Gomes de Barros era poeta cordelista e escrevia seus próprios versos.

Medi ate a isso, qual seria a diferença entre cordelista e repentista? De acordo com o poeta cearense Moreira de Acopiara (2008, p.21) existe a seguinte informação: “A diferença é que os repentistas cantam seus versos de improviso e acompanhados por violas, e os cordelistas escrevem”. Os cordelistas são conhecidos também como poetas de bancada, pois para escreverem seus versos eles sentam, pensam e, usando a criatividade, eles escrevem com precisão; já os repentistas, mesmo sendo iletrados precisam apenas utilizar da arte da criatividade, não disponibilizando de tempo para refletir; seus versos são improvisados, feitos e elaborados no momento da apresentação e acompanhados por violas.

Podemos dizer que no finalzinho do século XIX a literatura oral se propagou em Pombal através dos poetas repentistas.

1.3 O nascimento da poesia popular pombalense

No finalzinho do século XIX e início do século XX, muitos poetas contribuíram para a difusão da literatura oral em Pombal. Mas para analisar a literatura oral da época, é necessário realizar um estudo enfatizando os poetas da época em que pertenceu Leandro Gomes de Barros, e também, as posterior a sua. Terra (1983, p.17), classifica os poetas como: “[...] herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste [sic] desde pelo menos meados do século XIX”. Desse modo, cantoria sendo uma das formas de expressão representativa da literatura oral, ela mantém um elo com a literatura de cordel por intermédio da ação desses poetas. Essas manifestações populares têm em comum o uso de rimas na composição de seus poemas.

Ao falar sobre manifestações culturais e poetas populares pombalenses Seixas (2004, p.347) nos diz “Pombal contou também no seu passado com outras figuras de inteligência e valor científico, umas vivendo e morrendo na angústia do meio, outras brilhando, irradiando onde quer que os tenha levado o destino [...]”. O autor, ao falar dessas figuras que se restringiram a viver no meio da sociedade pombalense, sem ter se deslocado para outras regiões, a fim de mostrar e até aprofundar seus conhecimentos poéticos, faz referência a Chica Barrosa, Silvestre Honório Rodrigues de Sousa, José Ferreira Lima e Belarmino França.

Chica Barrosa é descrita por Medeiros (2009), como a: “rainha negra do repente”, pois e ganhava a vida cantando. Mesmo sendo iletrada ela era detentora de uma admirável criatividade de improvisar versos, chegando a desafiar qualquer poeta cantador. A repentista enfrentou muitos desafios tanto em sua vida pessoal quanto profissional, pela questão de ser mulher, negra, pobre e cantadora de viola. A repentista nasceu em uma época em que a sociedade era extremamente patriarcal. Em um contexto em que o homem exercia poder em relação à mulher. Ela era vista como ser totalmente submisso. Quando solteira, a mulher devia obediência ao pai e, se casada, dependia do esposo. Além disso, em uma sociedade escravista, o negro não tinha vez.

Silvestre Honório Rodrigues de Sousa foi outro poeta que também contribuiu com a literatura oral local. Segundo Seixas, (2004) talvez por ausência de incentivo e autonomia dos pais, o poeta nunca saiu da cidade e isto foi uma das razões para que seus conhecimentos permanecessem apenas ao município. Sendo assim, ele não conseguiu encontrar um local para finalizar seus estudos.

O cordelista Santos (2011, p.24), descreve o poeta pombalense da seguinte forma:

Silvestre Honório Rodrigues,
Um poeta de talento,
Inteligente e versátil,
De alto discernimento,
Que desenvolvia um tema
E construía um poema
Cheio de encantamento.
(grifos do autor)

O autor usa essa estrofe composta de versos de séptilhas para realizar uma descrição da criatividade e da inteligência do poeta Silvestre Honório Rodrigues na construção dos seus versos.

Silvestre Honório Rodrigues (*apud* Seixas), (2004, p.348-349):

Vou contar a minha vida
Minha aurora de criança;
Já não me sai da lembrança
A minha estrela passada.
Nasci num berço de rosas,
Nasci no palco de flores.

Hoje perdi os fulgores
Da minha estrela dourada

Perdi a graça da vida,
 Perdi minha posição,
 Perdi a situação
 Que de mim sempre nasceu.
 Perdi a luz, os encantos
 Que minha estrela me deu.

Perdi meus queridos pais
 Esses amigos ingentes;
 Perdi as flores correntes
 Da mais sincera amizade
 Em perdê-los, perdi tudo.
 Eram, pois, minha coluna
 Perdi também a fortuna,
 Perdi a sociedade.

Os versos citados acima são de autoria do poeta Silvestre Honório Rodrigues de Sousa e de acordo com Seixas, (2004) servem para retratar os momentos de aflição e tristeza vivenciados pelo poeta após a morte de seus pais.

José Ferreira de Lima foi outro poeta pombalense. Seixas, (2004, p.358) ao falar na produção poética deste poeta afirma: “Infelizmente, não pude encontrar quase nada de sua produção poética. Quase tudo se perdeu”. Pelo fato de sua poesia não ter sido registrada em papel, ela apenas permaneceu viva na memória coletiva e era divulgada através da voz. Esse fato concede espaço para que muita coisa de sua produção ao longo dos anos se modifique ou até mesmo desapareça.

Mesmo com dificuldades em encontrar a produção do poeta José Ferreira de Lima, Seixas (2004, p.359-360), reproduz os versos da autoria do poeta.

Cabra ruim não tem futuro
 É um ente que vegeta
 Não tem sistema seguro
 Nem uma vida correta.
 É um louco, é um pateta
 É podridão do monturo
 É caixa de falsidade
 Cabra ruim não tem futuro

Dentre os cordelistas, Leandro Gomes de Barros foi o único poeta pombalense de sua época a se deslocar para outros lugares. Em sua vida profissional, foi detentor de uma vasta produção poética, em que se pode calcular em torno de seiscentos folhetos. Para Seixas, (2004, p.362) ele “Foi um autêntico representante da poesia popular sertaneja”.

Vejamos abaixo uma estrofe composta por Athayde *apud* Seixas (2007, p.7):

Poeta como Leandro,
O Brasil inda não criou,
Por ser um dos escritores,
Que mais livros registrou,
Canções não se sabem quantas,
Foram seiscentas e tantas,
As obras que publicou

O objetivo do poeta é utilizar esses versos da sua crônica “Leandro o Poeta”, publicada no jornal do Brasil em Nove de setembro de 1976, para realizar um elogio ao cordelista paraibano.

Belarmino Fernandes de França, também considerado outro poeta de grande destaque, nasceu 29 anos após o nascimento de Leandro Gomes de Barros. O poeta Belarmino Fernandes de França, segundo Seixas, (2004), durante sua vida frequentou uma escola, a qual foi classificada como rudimentar, durante um período de quarenta e cinco dias. Mas a ausência de escolaridade não impediu improvisação dos seus versos. Sua produção cultural aconteceu na fazenda Várzea da Serra. Lá, em contato com a natureza, ele produziu os mais brilhantes versos. A naturalidade desse poeta muito tem se discutido, sendo que hoje é considerado filho natural da cidade de Paulista (Paraíba).

Belarmino Fernandes de França, *apud* Seixas (2004, p.375).

Deus eterno divino e poderoso
Fez o céu, as estrelas, terra e mar
Fez o sol para tudo iluminar
Com seu brilho perene e majestoso
No espaço infinito grandioso
Aos corpos celestes deu clareza
Fez o homem composto de fraqueza
Sujeito a morte, a culpa e ao engano
Tanto é baixo o valor do ser humano
Quanto é grande o poder da natureza.

As décimas acima são do poema “Como é grande o poder da natureza”. O poeta, influenciado pelo lugar de onde escreve, revela nesta estrofe toda beleza da natureza, mostrando o quanto ela é importante para a elaboração de seus versos.

Santos (2011, p.02) afirma que:

Pombal é um berço fértil,

Abundante e acolhedor,
 Cheio de vida e cultura,
 De esperança e amor,
 Dos mais bonitos do mundo
 Com seu encanto profundo,
 Magnífico e promissor.

O autor mencionado realiza uma descrição poética sobre Pombal, cidade onde nasceu, e também serviu de berço para outros poetas como: Silvestre Honório, José Ferreira Lima, Belarmino Fernandes de França, assim como Leandro Gomes de Barros.

1.4 Leandro Gomes de Barros

Leandro Gomes de Barros é considerado de uma família humilde. Ele nasceu na fazenda Melancia, em Pombal (PB), no dia 19 de novembro de 1865, e faleceu em Recife (PE), no dia 04 de março de 1918.

Por motivos particulares, segundo Terra, (1983) Leandro Gomes de Barros ainda quando criança teve que se ausentar da cidade que natal para ir morar com seu tio materno, o padre Vicente Xavier de Farias em Teixeira. Devido aos maus tratos recebido pelo tio o garoto foge de casa, aos 11 anos, tendo que passar por momentos difíceis.

Leandro Gomes de Barros era um verdadeiro andarilho pelas estradas do sertão. De acordo com Terra (1983) até os 15 anos de idade ele permaneceu residindo em Teixeira. Depois, o poeta foi morar em Vitória de Santo Antão (Pernambuco), local onde inicia a publicação dos impressos e, no ano de 1889, enlaçou o matrimônio com Venustiniana Eulália de Souza, relacionamento que resultou no nascimento de quatro filhos. No ano de 1906, ele já estava em Jaboatão e, em 1908, ele encontrava-se no Recife.

Cascudo *apud* Sousa (2007, p.6) ao realizar uma avaliação física, sobre Leandro Gomes de Barros, disse: “Baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho, contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta. Pleno de alegria, de graça e de oportunidade”. Então para o autor, o cordelista era brincalhão e divertido.

Foi o fundador da literatura oral escrita, sendo o pioneiro no processo de escrever e editar cordéis. Produziu ao longo da carreira, diversas centenas de folhetos, com temas

variados que permanecem até hoje em sucessivas reedições. Dentre sua vasta produção, podemos destacar três clássicos: *O Cachorro dos Mortos*, *O Cavalo que Defecava Dinheiro* e *a História da Donzela Teodora*.

Este ano (2012) completará 94 anos do falecimento do cordelista e seus folhetos continuam sendo reeditados e comercializados no mercado. Ele versejou sobre diversificadas temáticas, produzindo folhetos que apresentavam informações e sátiras retratando a realidade dos problemas sociais do país através da literatura. Ele falou sobre as secas, que assolavam os sertanejos; sobre religiosidade, enfocando muitas das vezes a figura de Padre Cícero, milagres e cangaceiros, dando ênfase a Lampião e Antônio Silvino, sobre acontecimentos do dia a dia.

Segundo Medeiros, (2007, p.24)

No heróico, fez poemas sobre cangaceiros, peleja de cantadores, Os martírios de Genoveva; no novelesco, Branca de Neve, O Boi Misterioso e O homem que subiu de aeroplano até a lua; no satírico, A cachaça, A dor de barriga de um noivo, A mulher do bicheiro; no social, O retirante, Os dez - reis do Governo, O aumento dos impostos; no religioso, O diabo confessando uma nova-seita, O milagroso do Beberibe, Como João Leso vendeu o Bispo; nos fatos do dia, O cometa, A hecatombe de Garanhuns, O Presidente Afonso Pena; na ressurreição dos romances de cavalaria, A Batalha de Oliveira, A Donzela Teodora.

Leandro Gomes de Barros buscava, através dos cordéis, levar um pouco de alegria à casa dos nortistas. Povo, na grande maioria sofrido, vítima de períodos de grande estiagens, do descaso das autoridades políticas pelo fato da não criação e implantação de políticas públicas para ajudar a sanar os prejuízos deixado pela seca.

Cascudo, ao falar de Leandro Gomes de Barros, (1984, p.219) afirmava que: “[...] Leandro publicou mais de dez mil folhetos, vivendo exclusivamente de sua pena”. O autor vai enfocar a importância de escrever e imprimir versos para Leandro Gomes de Barros, que em seu período de produção editou mais de dez mil folhetos. O dinheiro adquirido com as vendas dos folhetos foi exclusivamente a única fonte de renda de sobrevivência do cordelista e da sua família. O fato do poeta não possuir outra fonte de renda, contribuiu ainda mais com o desenvolvimento da literatura oral escrita, pois objetivando aumentar os lucros o cordelista produziu cada vez mais cordéis.

Segundo Melo, (2010) depois do falecimento de Leandro Gomes Barros em 1918, os direitos autorais do cordelistas foram comprados pelo poeta João Martins de Athayde.

Hoje, Leandro Gomes de Barros é reverenciado como um símbolo das manifestações culturais locais. Assim como é de tradição nomear as ruas das cidades com o nome das pessoas importantes que fizeram história, com Leandro Gomes de Barros não foi diferente. Para homenageá-lo, uma rua da cidade de Pombal recebeu o seu nome.

Conforme Santos (2011, p. 21),

Leandro Gomes de Barros deixou
Um acervo cultural,
Abundante e valioso,
Autêntico e fundamental,
Um mundo de **Poesia**,
De luz e sabedoria,
Que engrandece **Pombal**.
(grifos do autor)

O cordelista não foi o único poeta da sociedade pombalense, foi ele quem assumiu o lugar de maior destaque no cenário regional transformando-se em referência mundial.

Podemos afirmar que Pombal, no final do século XIX e início do século XX, era uma cidade com desenvolvimento industrial tardio, alvo de secas periódicas, com uma população composta em sua maioria de analfabetos, mas era uma região propícia ao surgimento de poesias que se faziam presentes na literatura oral divulgada pelos cantadores e poetas da época. Na atualidade, dentre esses poetas, Leandro Gomes da Barros é o que exerce uma forte influência na literatura de cordel do país. Por isso, ele é visto como símbolo de referencial cultural para a cidade de Pombal.

CAPÍTULO II

CORDEL E POESIA: A ARTE EM FORMA DE RIMA

O objetivo deste capítulo é discutir as origens da literatura de cordel no Brasil, enfocando um pouco da região onde o cordel primeiramente se instalou e procurando mostrar que a literatura de cordel surgiu na então região norte do país, no momento em que se discutia a questão do surgimento de uma nova região que viria a ser chamada de Nordeste. Nessa perspectiva, no final do século XIX, ainda não existia o Nordeste, existia apenas o Norte e o Sul. Só a partir dos anos de 1910 e 1920 é que a região Nordeste passou a existir oficialmente. Albuquerque Júnior (2006, p.39) diz que: “O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre Norte e Sul.”

O capítulo abordado explana a importância do cordel como um veículo de comunicação popular no final do século XIX e início do século XX. Para Luyten (1992, p.63) “Antigamente, a poesia popular era praticamente o único veículo de informação de vastas camadas populacionais do interior do Brasil, notadamente do Nordeste”. O cordel foi concedendo destaque para os poetas que assumiam o papel de repórteres. Segundo Noblat *apud* Curram, (2003, p.25) “[...] existem dezenas de poetas populares do Nordeste que fazem um jornalismo muito parecido com o praticado nas redações dos jornais: narram os principais acontecimentos da sua cidade, região, país e mundo [...]”. Eles se apropriavam das notícias e as transformava em temas para serem trabalhados no cordel, se apropriando de temas que iam desde cangaço, seca, mulheres a religiosidade.

O processo de escrita dos cordéis não recebem atenção nesta produção, pois a ênfase está direcionada aos principais cuidados que os cordelistas devem ter na hora da escrita dos versos. Para Luyten, (1992, p.43) “[...] a literatura de cordel, como é popular, trata dos assuntos que interessem ao povo agrandar o público leitor, durante a produção dos cordéis era o objetivo, como também voltar uma atenção especial tanto para o tema selecionado quanto para a produção da narrativa.

O surgimento da Tipografia Perseverança de propriedade do cordelista Leandro Gomes de Barros é enfocado, mostrando sua importância para a disseminação dos folhetos de cordéis na sociedade e possibilitando o desenvolvimento da literatura oral escrita.

2.1 Cordel, elemento popular

Para Luyten (1992), o nome literatura de cordel tem origem na Península Ibérica e recebe essa designação porque, em países como Portugal e Espanha, os livretos eram expostos sobre barbantes e pendurados em lugares públicos a exemplo das feiras.

Sendo o cordel uma das formas de manifestação cultural, esse elemento popular chega ao Brasil no século XVI com os colonizadores portugueses.

De acordo com Acopiara, (2008 p.14-15)

Descobri que na Península
Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.

E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou.

O autor faz uso dos versos para explicar as origens do cordel, sua chegada e disseminação na sociedade brasileira. Para Silva (2010), a partir da chegada em Salvador via oral, o cordel se difunde verbalmente para os outros estados da região.³ Para Cascudo, (1984) a literatura oral era transmitida pela voz. Essa literatura era divulgada através da voz e, de boca em boca, ia aos poucos sendo transmitida de uma localidade para outra, permanecendo viva na memória coletiva. Mas essa forma de preservação não oferece segurança, pois ao longo do tempo muita coisa pode sofrer modificações ou até mesmo se perder. Então, a literatura oral escrita vai possibilitar mais segurança que a oralidade.

O surgimento do cordel na região Norte do Brasil data a partir da segunda metade do século XIX, período em que coincide com as discussões de criação de uma nova região para o país, que posteriormente viria a ser designada como Nordeste.

³ Gonçalves Ferreira da Silva: Presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, localizada no Estado do Rio de Janeiro. In: Reportagem exibida em 2 de janeiro de 2011, pela Rede Globo de televisão no Programa Globo Rural.

Neste sentido, o Norte originou uma nova região: o Nordeste. Surgida da necessidade de se pensar na criação de uma identidade nacional para as pessoas que lá habitavam e pensar também numa cultura nacional, capaz de assimilar os distintos espaços do país. No mesmo período em que a literatura de cordel foi aos poucos se difundindo, passou-se a pensar na construção de uma identidade para essa nova região a partir do olhar do “outro”, da contraposição do sul, e apontando as diferenças entre ambos no âmbito material e social. Para Albuquerque Júnior, (2006, p.62) o Nordeste foi inventado “como reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte.” Sendo assim, ao se falar em Nordeste, faz-se necessário analisar as estruturas presentes no antigo Norte, onde viveu Leandro Gomes de Barros.

O regionalismo paulista se configurou a partir de um discurso da superioridade entre as raças. A população de São Paulo era constituída de elementos brancos europeus, pois no discurso regionalista, São Paulo era exemplo de lugar que existia progresso e desenvolvimento. A presença européia na região a tenha tornado civilizada por homens empreendedores, fortes e dominadores.

Já o Norte era visto como local que existia a inferioridade das raças, onde a população era composta em sua maioria por negros, índios e mestiços. A falta de investimentos, por parte do Estado, na região teria gerado problemas sociais como o cangaço, a violência, a miséria e o fanatismo religioso, temas que serviram para elaboração de cordéis.

Segundo Albuquerque Júnior, (2006, p.61) “[...]. As narrativas sobre o cangaço são um dos raros momentos em que o Norte tem espaço na imprensa do Sul, assim como quando ocorria repressão a movimentos messiânicos, seca ou lutas fratricidas entre parentelas. [...]” Nessa abordagem formulou-se a imagem negativa do Norte, a partir da divulgação realizada pelo Sul - baseada nos acontecimentos desagradáveis - das coisas ruins que lá aconteciam. E, nesse contexto apresentavam a região como violenta, onde a lei era ausente, e criava-se a imagem do nortista a partir da seca e de movimentos como cangaço. E no momento de separação entre Norte e Nordeste, esta última região apresenta-se como a parte do Norte estava propícia ao surgimento de períodos de secas.

É como se as estiagens tivessem contribuído com o surgimento da região Nordeste e as secas fossem um dos problemas que proporcionaram a formação imagético-discurso em que a região era um espaço subalterno.

Albuquerque Júnior (2006, p.68) discute o termo Nordeste dessa forma:

O termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal.

Os sulistas se apropriaram do problema das secas para noticiarem nos veículos de comunicação, principalmente nos jornais, que o Nordeste é o lugar do atraso, onde ocorriam secas que ocasionavam êxodo, conflitos sociais nas localidades, surgimento de grupos de cangaceiros e desagregação das famílias, a exemplo da grande seca que ocorreu no ano de 1877.

Para Albuquerque Júnior, (2006, p.106) “O Nordeste, espaço da saudade, da tradição, foi também inventado pelo romance, pela música, pela poesia, pela pintura, pelo teatro etc.”. O autor mostra uma visão positiva ao falar do Nordeste, destacando que essa região não se constituiu apenas de aspectos negativos lançados pelo discurso sulista. Ela se apresenta de diversas formas, através de figuras importantes como José Lins do Rego, Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna etc. Enfim, o Nordeste pode se apresentar a partir de diferentes formas de manifestações culturais, seja através da literatura, música, teatro e poesia.

Foi nessa região, nesse contexto histórico, político e social que surgiu o gênero literário chamado de cordel, difundindo-se especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas e Sergipe. Na passagem do século XIX para o século XX surgiram muitos cordelistas no cenário regional, dentre estes poderemos destacar Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde* e Francisco das Chagas Batista*. Podemos dizer que estes são considerados os percussores da Literatura de Cordel.⁴

Manuel Diégues Júnior *apud* Costa (1978, p.15) relata que: “[sic] Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da mesma maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da

⁴ João Martins de Athayde, nasceu em Cachoeira do Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte, (Paraíba), em 23 de junho de 1880 e faleceu em Limoeiro (Pernambuco) em 1959. Em 1921, adquiriu os direitos autorais de Leandro Gomes de Barros. Tornando-se poeta, editor. Ver: BENJAMIN, Roberto. Biografia. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/JoaoMartinsdeAtaide_biografia_ctd.html. Acesso em: 26 out. 2012.

Francisco das Chagas Batista, nasceu na Vila do Teixeira, (PB), em 5 de maio de 1882 e faleceu na capital do Estado da Paraíba em 26 de janeiro de 1930. Foi editor de paródias, modinhas, novelas, contos, poesia e se firmou como um dos intelectuais da época. Em 1929 publicou o livro “cantadores e poetas populares” obra imprescindível para a pesquisa em literatura popular. Ver: SILVA, José Fernando Souza. Biografia. Disponível em: http://www.casaruiarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas_biografia_ctd.html. Acesso em: 26 out. 2012.

região [...]”. A literatura de cordel surgiu na região que hoje chamamos de Nordeste, porque os fatores de formação sociais daquela região ofereciam condições propícias para a implantação dessa literatura.

Foi em meio a esses acontecimentos que surgiu os grupos de cantadores, os responsáveis em divulgar a literatura oral. A cantoria, para Medeiros, (2009, p.19) “é um ato de cantar versos de improviso [...]”. Para Medeiros, (2009) essa manifestação cultural nasceu no início do século XIX, na Serra do Teixeira na Paraíba.

Desse modo, os cantores repentistas, usando de instrumentos como a viola, saíam pelas feiras das pequenas cidades e vilarejos, declamando seus versos e em busca de duelos. Medeiros (2009, p.19) fala dos cantadores da seguinte forma: “[...] vivem na feira ou pelo menos viviam no início do século passado [...]”. O advento tecnológico proporcionou uma nova roupagem para as manifestações culturais, pois os poetas que antes se apresentavam apenas nas feiras das pequenas vilas e cidades do interior. Na atualidade apresentam-se também em festivais realizados em salões de festas.

A literatura oral que era propagandeada pelos poetas repentistas, a partir de Leandro Gomes de Barros sofreu modificações, Porque o poeta vai transformá-las em escrita.

Baptista, (1929, p.113), fala o seguinte sobre Leandro Gomes de Barros:

[...] foi fundador da popular literatura poética de cordel no Nordeste. Escreveu cerca de mil folhetos de versos populares, tendo tirado dos mesmos mais de dez mil edições. Leandro manejava sua veia poética. Foi um escriptor que viveu exclusivamente de sua penna [...] caso raro no Brasil.

A difusão da literatura oral na sociedade brasileira, a partir do trabalho de escrita e impressão desenvolvido por Leandro Gomes de Barros, proporcionou o surgimento de folhetos impressos, dando origem à literatura oral escrita, isto é cordel. O fato de Leandro Gomes de Barros ter sido um poeta que conseguiu sobreviver com os lucros da produção dos seus cordéis facilitou ainda mais o desenvolvimento da literatura oral escrita, pois cada vez mais o cordelista tinha a necessidade de produzir mais e mais cordéis, transformando narrativas orais cantadas em escrita.

O também cordelista Francisco das Chagas Baptista (1929), afirmou que Leandro Gomes de Barros foi um poeta que viveu apenas da elaboração de seus folhetos, e que depois dele surgiram outros poetas, porém nenhum teria sido igual a ele.

Esses impressos que ficaram conhecidos como folhetos de cordel existiram e circularam de forma distinta em muitos países da Europa. Costa (1978, p.29) comenta: “[...]”.

Herdamo-la de Portugal, ou melhor, da Península Ibérica, pois sabemos que a literatura semelhante às “Folhas Soltas” portuguesas também circulavam na Espanha com o nome de “Pliegos Sueltos” e na França, onde era denominada “Literature de Colportage”.

Albuquerque Júnior, (2006, p. 113) ao falar sobre cordel em nossa região diz:

Um Nordeste construído com narrativas de ex-escravos, de pessoas sem sobrenome, com histórias que circulavam em toda aquela área; histórias de cangaceiros, de santos, de coronéis, de milagres, de secas, de cabras valentes e brigões, de crimes, de mulheres perdidas, do sertão mítico, repositório de uma pureza perdida, nostalgia de um espaço ainda não “desnaturalizado” pelas relações sociais burguesas.

Na visão do autor, o cordel, como uma manifestação cultural popular, narrava e produzia uma visão tradicionalista da região Nordeste, talvez por abordar muitas vezes temáticas que apresentavam uma região não moderna, apresentando assim o lado negativo da região. Porque em sua maioria as temáticas abordadas pelos cordelistas eram sobre cangaço, religiosidade, crimes, coronéis.

O cordel está presente em muitas sociedades. Porém, sua atuação ocorre de forma diversificada em cada uma delas. No Brasil, em 1849, essa literatura marchava para a etapa de impressão dos folhetos com a função de ser utilizado como veículo informativo e com entretenimento, pois, ao mesmo tempo em que levava informações aos mais distantes recantos do interior do sertão, com seus comentários jocosos e satíricos, transmitia um pouco de alegria para o público. Enquanto na França, conforme Albuquerque Júnior (2006), muitas vezes esses “colportage” não eram bem vistos, e foram perseguidos acusados de incentivar a implantação do sentimento de discórdia, o que poderia ocasionar guerras entre a população devido ao fato de que os folhetos procuravam realizar uma distinção da sociedade entre ricos e pobres e isso era prejudicial já que a sociedade era fundamentada nos princípios da Revolução Francesa de 1789 “liberdades, igualdade, e fraternidade”.

A circulação desses colportage poderia proporcionar instabilidade na sociedade francesa, podendo ocasionar o surgimento de guerras e revoltas, desestruturando o sentimento de paz presente naquele país.

2.2 Escrever e reescrever cordéis

Michel de Certeau, no livro “A cultura no plural”, enfoca o tema relacionado com a morte da literatura oral escrita. Certeau (1997, p.55) diz: “Foi preciso que ela fosse censurada para ser estudada”. Ele discute questão da literatura de cordel como um dos símbolos representativos da cultura popular, só transformou-se em tema para estudo e debates entre os estudiosos a partir do momento em que surgiu a ameaça de extinção.

Terra (1983, p.40) apresenta que: “Escrever sobre o folheto até 1918, é, de certa forma, escrever sobre o poeta popular Leandro Gomes de Barros. A partir de temas da tradição oral e de acontecimentos do momento ele criou a literatura popular escrita do Nordeste [...]”. Leandro Gomes de Barros foi descrito pela autora como o criador da literatura do folheto de cordel. Sua contribuição foi fundamental no processo de transformação da literatura oral em literatura oral escrita, porque ele foi o pioneiro em se tratando de impressão e venda de folhetos. E através dos pequenos impressos chamados cordéis, as narrativas orais foram se transformando em literatura oral escrita, o popular cordel.

Para Melo (2010, p.26) “[...], o cordel permite livrar e salvar o que está escrito da morte”. Porque através da impressão dos folhetos de cordéis as histórias que antes eram cantadas pelos repentistas e contadas pela população através da oralidade, correndo o risco de se perderem ao longo dos anos, ganharam vida através da ação desenvolvida pelos poetas escritores.

Na elaboração dos cordéis os poetas devem ser vistos como homens de seu tempo, que estavam imbuídos de valores, crenças religiosas e costumes da sociedade da época. Também nesse contexto temos que levar em conta o momento histórico que eles estavam vivenciando na época da escrita dos poemas.

Então, não cabe a nenhum autor dizer que os cordelistas estavam equivocados ao escreverem sobre um determinado assunto, pois eles são homens de seu tempo e retrataram apenas os aspectos que estavam vivenciando na sociedade da época.

Terra (1983, p.38) classifica os poetas: “Como homens do povo, através de sua poesia fizeram-se mediadores entre o rural e o urbano, o litoral e o sertão, a cultura de tradição oral e a cultura escrita”. Para a autora, esses poetas populares desempenhavam a função de representante do povo e foram responsáveis pela difusão dessa cultura. Eles realizaram a interação entre rural e urbano, litoral e sertão e tradição oral e escrita.

Na elaboração dos versos os cordelistas precisavam observar com atenção os acontecimentos presentes nas notícias divulgadas nos jornais, e inspirado nas leituras,

deveriam utilizar da criatividade para elaborar os melhores escritos possíveis que, quando prontos, pudessem despertar a curiosidade e a atenção do público leitor.

Na hora da escrita além da inspiração, os poetas devem produzir os cordéis não em forma de prosa, mas em forma de versos rimados. Vejamos o que diz Moreira de Acopiara (2008, p.19):

No começo esses livretos
Eram em quadras escritos,
Com versos de sete sílabas.
Porém, poetas peritos
Achavam que com sextilhas
Ficariam mais bonitos.

Cada verso é uma linha,
Como você vê aqui.
Os versos dois, quatro e seis,
Esses rimam entre si.
Mas os ímpares não rimam,
Isso, cedo eu aprendi.

Na visão de Acopiara, os poetas desses livrinhos deveriam adotar a sextilha, que é uma estrofe de seis versos, com a seguinte forma de rima: ABCBDB. Segundo Acopiara, existem também cordéis escritos em forma de septilha, oitavas e décimas.

Já li cordéis em oitavas!
Muitos raros. Estranhei,
Pois escrevendo sextilhas
Foi que eu me projetei;
E o estilo sete linhas
Jamais abandonarei.

Muitos escrevem em décimas,
Eu não faço objeção.
Pois pra mim o que interessa
Para a realização
De um bom cordel, são três itens:
Métrica rima e oração.

O autor, ao mesmo tempo em que escreve seus versos em forma de sextilhas, defende o uso das septilhas em seus poemas. Ele também discute sobre o que é necessário para elaboração de um bom cordel.

Na hora da escrita dos poemas, a responsabilidade fica a cargo dos poetas. Diante de uma gama de variedades de temas, os cordelistas precisavam ter certo cuidado, pois o assunto selecionado para se trabalhar deveria ser uma notícia que despertasse a atenção do público leitor.

Melo (2010, p.64) diz:

Sempre atento às notícias que mais impressionavam o público, Leandro Gomes de Barros transformou a mítica cidade de Juazeiro numa temática constante, ao abordar assuntos relacionados ao Padre Cícero nos folhetos: Juazeiro de Padre Cícero; Lamentação de Juazeiro; Antigos e novos sermões de padre Cícero. Versou sobre a revolta de 1914 e narrou a vitória do exército de Padre Cícero contra as tropas da capital no folheto Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra.

Na visão da autora, o cordelista Leandro Gomes de Barros usava da seguinte tática: antes de escolher suas temáticas, ele parava e observava os acontecimentos que estivessem mais em pauta, os mais marcantes de seu tempo eram os escolhidos como temas para seus cordéis.

Na hora da produção dos escritos, outro fator deve ser observado para que ocorresse sucesso nas vendas. Para Terra, (1983, p.38) “[...] A predileção do público pelas histórias é explicável em se tratando de uma literatura na qual são considerados a moralidade, o caráter exemplar e a engenhosidade narrativa”. A autora fala da responsabilidade e o cuidado que os poetas devem ter no processo de construção da narrativa, pois a forma como os poetas vão conduzir o tema a partir da escrita é muito importante para se produzir um bom cordel. Assim, um fato que serviu de tema para um folheto, na medida em que foi bem narrado, era prestigiado pelo público do cordel.

Os folhetos de cordéis viraram uma espécie de produto que fazia parte de uma indústria. Sua circulação ocasionou a difusão da cultura nordestina. Para Certeau, (1995, p.140) “A cultura neles funciona segundo os produtores à venda, segundo a profissão ou segundo o tipo de organização industrial que se deseja promover: cultura deliberadamente interessada”. Os poetas cordelistas produziam seus folhetos com a intenção de informar, levar entretenimento, mas acima de tudo objetivava-se comercializá-los.

Curran (2003, p.46) fala do poeta da seguinte forma: “[...] o bom poeta, o poeta que tem êxito, o poeta cujos títulos são vendidos e revendidos no mercado, junta as artes de informar, divertir e ensinar”. Então, podemos perceber que os folhetos de cordéis em uma

sociedade poderiam assumir múltiplas funções, dentre estas estariam ensinamento, informação e entretenimento.

Galvão *apud*, Nogueira (2009, p.06) destaca que: “Muitos estudos realizados sobre literatura de Cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um significativo número de pessoas [...]”. O autor destaca a contribuição dos folhetos no processo de escolarização da população da então região Norte no final do século XIX, uma vez que era baixo o índice de escolaridade. Para Luyten, (1992, p.7) “[...] as sociedades humanas, quando são iletradas, têm como único recurso à memória para guardar aquilo que acharem importantes”. O fato dos folhetos serem escritos em forma de versos facilitava a memorização e a vontade de se tornar um leitor desses poemas influenciava as pessoas a aprenderem a ler e depois transmitirem essa leitura através da oralidade para os que os cercavam.

Na perspectiva de Terra, (1983, p.36) “[...] Os folhetos contariam com maior audiência no campo, onde seria uma das poucas formas de lazer e fonte de informações”. Apesar dos folhetos serem produzidos, divulgados e vendidos nas feiras das pequenas cidades e vila do sertão, segundo a autora, eles atuavam com maior ênfase no âmbito rural, onde as populações viviam isoladas e carentes de informações. Desse modo, o conteúdo dos impressos, ao mesmo tempo em que servia como distração, era usado também como veículo de informação, pois mantinham a população informada dos acontecimentos locais, regionais e internacionais.

Segundo Luyten (1992), os folhetos eram impressos em papel simples, de má qualidade, chegavam a medir de 15 a 17 x 11 cm e o número de páginas poderiam ser de 8, 16, 24, 32, 48 até 64, mas frequentemente era múltiplo de 8.

No processo de confecção das capas, fazia-se presente apenas o título dos poemas e o nome do autor com letras grandes.

Para Costa, (1978, p.38)

Os que gozavam de melhores condições financeiras utilizavam clichês de desenho ou fotografia. A outra opção, mais econômica, era o uso de xilogravuras: desenho talhado em madeira, em seguida transformado em matriz utilizada para a impressão das capas.

Como a produção das capas dependia muito das condições financeiras dos cordelistas, só posteriormente é que as capas passam por um processo de transformação, apresentando uma melhor visão do cordel, despertando assim uma atenção maior do público leitor.

Nesse processo de elaboração de cordéis, além da criatividade e da sabedoria, os poetas fazem uso da experiência que adquirem. Com o passar do tempo, eles sentam, pensam e elaboram seus versos. Para depois imprimi-los em forma de livretos e depois comercializá-los. Melo (2010, p.22) relata a responsabilidade dos poetas: “Histórias que transpõem as fronteiras da oralidade e chegam às folhas em branco pelas mãos dos poetas. Mãos que desenham letras ainda que toscas, onde as histórias ganham contornos de grafias familiares”. A autora destaca o papel desempenhado pelos poetas cordelistas na construção dos seus versos, transformando oralidade em literatura oral escrita, isto é, em cordel.

A cordelística, para Leandro Gomes de Barros e para muitos, outros se transformou em ofício e cabia a cada poeta não apenas ser bom, mas despertar o interesse do povo e conseguir, através da comercialização, recursos necessários para o sustento da família. Sendo assim, a poesia de cordel, assim como seus primeiros leitores, era muitas vezes pobre e simples, não necessitando de dicionário para sua tradução.

Podemos concluir que o processo de transformação da literatura oral em literatura oral escrita ocorreu graças às contribuições dos poetas que transformaram estórias, que eram transmitidas verbalmente, em versos escritos.

2.3 Difusão e comercialização

Leandro Gomes de Barros contribuiu com as transformações ocasionadas na literatura popular a partir da impressão dos folhetos porque foi o pioneiro a imprimir os livretos, mas a situação do cenário sócio econômico nordestino no início do século XX também exerceu uma forte influência para a difusão dos impressos na sociedade nordestina. Nesse período, as capitais e cidades estavam passando por um processo de desenvolvimento. As oficinas artesanais e a indústria, de forma muito lenta, iam procedendo a suas atividades.

Os folhetos impressos surgiram no finalzinho do século XIX, por isso a disseminação desses livretos ocorreu nos primórdios do século XX. Portanto, tornou-se fundamental analisar os fatores econômicos e sociais que contribuíram com a difusão dessa literatura no interior do Norte (Nordeste) a partir dos fins do século XIX e início do século passado. O início do século XX também corresponde ao período de estabilidade monetária e ao desenvolvimento do algodão, favorecendo a conjuntura econômica do país. Então, o aumento

do poder dos agricultores foi o fator preponderante para intensificação nas vendas dos folhetos, pois proporcionou o surgimento de um mercado consumidor principalmente nas vilas e pequenas cidades do interior.

Terra (1983, p.24) relata que:

Inicialmente os folhetos eram impressos em tipografias que faziam serviços gráficos diversos. Isto explica em parte serem utilizadas nos folhetos as mesmas ilustrações de outras publicações do período. A partir de 1909 ou 1913 começam a funcionar tipografias de poetas populares, mas só em 1918 é que a impressão de folhetos passa a ser feita quase exclusivamente nestas.

No parecer da autora, os primeiros folhetos foram impressos nas gráficas dos jornais. Com o tempo, surgiu a necessidade de instalação de tipografias. Essas tipografias eram pequenas empresas, funcionando nas próprias residências dos poetas e os serviços eram desempenhados pela própria família. O processo de elaboração dos impressos envolvia poucos equipamentos, tornando a produção mais artesanal. A produção de Leandro Gomes de Barros teve início de forma lenta, mas a intensificação das vendas dos folhetos proporcionou ao cordelista estabilidade financeira. e o objetivo passou a ser o aumento das vendas dos cordéis, pois este era seu único meio de sobrevivência. Com o aumento da produção dos livretos foram-se distribuídos entre os agentes que tinham por função comercializar o produto em outros estados brasileiros.

Melo (2010, p.63-64) ressalta a importância da Tipografia Perseverança para Leandro Gomes de Barros e para literatura oral escrita da seguinte forma:

A Tipografia Perseverança lhe permitiu a autonomia sobre seu trabalho como editor e poeta, quando explorou um amplo leque de temáticas. Nesse sentido, reeditou em versos as histórias tradicionais mais populares do romancelheiro europeu: História da Princesa da Pedra Fina; Branca de Neve e o Soldado Guerreiro; A vida de Pedro Cem; Estórias da Princesa Rosa; Batalha de Oliveiras com Ferrabraz.

A autora informa que, a partir da criação da Tipografia Perseverança, Leandro Gomes de Barros passou a ser um poeta editor independente. Podemos constatar que a instalação das tipografias na visão de Costa, (1978, p.17) “Novos poetas surgem na cidade e também no interior. De Pernambuco e Paraíba, o cordel tende a se estender a toda região [...]”. Mesmo através de um processo lento, o cordel foi se difundindo na sociedade nordestina. E essa

popularização, dentre outros, fatores foi motivada pela ânsia de informações do homem pobre do meio rural que via no cordel um meio de comunicação, que levava à casa dos nordestinos informação e entretenimento. A organização de redes de comercialização contribuiu com a crescente demanda dos folhetos. Com a expansão, logo surgiu à necessidade de aumentar o número de gráficas.

O cordelista instalou uma rede de distribuição. Objetivando comercializar seus impressos, ele enviou agentes para as vilas da Paraíba e de Pernambuco. Na cidade de Pombal, conta Sousa, (2010) que: “essa era uma das cidades onde era realizada essa comercialização”.⁵

A chegada do trem, ainda no século XIX, possibilitou a chegada dos jornais. esse acontecimento não prejudicou o cordel. Pelo contrário, contribuiu com sua circulação e difusão. Batista *apud* Terra, (1983, p.30) “Leandro Gomes de Barros vendia folhetos na Rua de Recife e durante o percurso dos trens da linha-sul de Pernambuco”. O trem proporcionou a locomoção dos poetas e dos livretos para pequenas cidades e vilas da região. Nas estações de trem, os mascates aproveitavam as paradas das embarcações para realizarem as vendas dos folhetos.

Devemos ressaltar a importância exercida pelas feiras no processo de comercialização dos impressos, onde eram pendurados os pequenos livretos em barbantes nos mercados populares. portanto, o papel das feiras era concentrar as vendas de folhetos, originando o ofício de folheteiro. Para aqueles que procuravam se livrar da miséria, os folhetos tornavam-se um meio de sobrevivência e, na mala dos poetas mascates, os impressos percorriam todo Nordeste. Os folhetos eram transportados no lombo dos animais ou nos vagões de trem, chegando às feiras para serem vendidos.

Para Terra, (1983) além de Leandro Gomes de Barros vender seus cordéis na casa onde residia, também disponibilizava da ajuda de agentes, que revendiam seus produtos em outros estados do país.

Podemos concluir que a literatura de cordel se fez presente em muitas localidades, porém com forma distinta de atuação em cada uma delas. Com suas raízes ibéricas, chega ao

⁵Genival Formiga de Sousa, sobrinho bisneto de Leandro Gomes de Barros. In: Reportagem exibida em 2 de janeiro de 2011, pela rede Globo de televisão no Programa Globo Rural.

Brasil oralmente através do colonizador e efetiva-se com maior eficácia na região Norte, na área que futuramente originará a região Nordeste. O papel desenvolvido pelos poetas no processo de construção dos versos foi fundamental para difusão dessa literatura. Leandro Gomes de Barros foi o pioneiro no processo de transformação da literatura oral em literatura oral escrita. Nessa perspectiva, o surgimento das tipografias proporcionou um aumento no número de impressos, contribuindo com a disseminação da literatura oral escrita.

CAPÍTULO III

O CORDEL NA POÉTICA DE LEANDRO GOMES DE BARROS

Neste capítulo será discutida a importância da cordelística de Leandro Gomes de Barros no processo de transformação da literatura oral em literatura oral escrita.

Leandro Gomes de Barros não foi o único poeta pombalense nascido na segunda metade do século XIX. Porém, foi o mais conceituado entre outros. O pombalense conseguiu destaque a nível mundial, portanto, procura-se realizar uma análise procurando destacar quais motivos teriam proporcionado esse sucesso ao cordelista.

Nessa perspectiva, fez-se necessário analisar o folheto *A História da Donzela Teodora*, de autoria de Leandro Gomes de Barros, destacando a contribuição dessa obra para a literatura oral escrita.

3.1 Leandro Gomes de Barros e a Literatura Oral Escrita

A cultura brasileira, também representada pela literatura popular, foi consequência da influência que recebemos de Portugal e está ligado às práticas das cantorias e desafios acompanhados de viola.

Segundo Cascudo (1984, p.337),

Soldados, marinheiros, colonos, administradores trouxeram para o Brasil os usos e costumes que sobreviveram parcialmente, desgastados pelo encontro com outros hábitos e elementos vitais de raça também presente e convergentes para a tarefa comum de formar uma outra gente, a gente da terra com sangue negro e europeu.

A literatura oral brasileira, influenciada pelos costumes e hábitos europeus, foi assimilada por outros povos que habitavam o país através do contato existente entre os povos. Então, essa cultura foi sendo constituída a partir das manifestações que primordialmente expressavam de forma verbal através de estórias, contos, cantos, danças, anedotas e autos

populares. Sendo assim, essas expressões e manifestações culturais se apresentavam através da literatura oral, divulgadas e transmitida oralmente.

Na concepção de Cascudo (1984, p.29)

A literatura oral brasileira se comporá de três elementos trazidos pelas três raças para memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantadores profissionais, uma já longa espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar.

Na visão do autor, a literatura oral, enquanto manifestação cultural se propagará através da ação de três raças: o indígena, o americano e o negro africano. E essa memória popular era transmitida de geração em geração. Além de está presente nos cantos, danças, estórias e mitos, ela apresenta-se também nas lendas, nos contos e nos provérbios.

Cascudo, (1984, p.23-24) ao falar sobre a literatura oral, diz:

Duas fontes contínuas mantêm vivas a corrente. Uma exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de rodas, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalentos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. A outra fonte é a reimpressão dos livrinhos, vindos de Espanha e de Portugal [...].

Na concepção do autor, as duas formas abordadas para manter viva a literatura oral e referenciar a própria oralidade através das estórias são transmissões de geração em geração, sendo armazenadas na memória popular. Posteriormente, com os folhetos, essas manifestações foram registradas em pequenos livretos chamados cordéis.

Os primeiros impressos brasileiros foram os livrinhos de autoria de Leandro Gomes de Barros. De acordo com Terra, (1983, p.40) “A partir de temas da tradição oral e de acontecimentos do momento ele criou a literatura popular escrita do Nordeste”. Seus folhetos tiveram tanta repercussão que ainda hoje eles continuam sendo reeditados para comercialização.

Na visão do cordelista Dantas, (2011 p. 20)

Leandro Gomes de Barros

Foi um grande menestrel
 Da poesia popular,
 Que cumpriu o seu papel;
 Um dos mestres da cultura,
 O Pai da Literatura
 Do Folheto de **Cordel**.
 (grifos do autor)

Leandro Gomes de Barros foi descrito acima pelo cordelista como o “pai” da literatura do folheto de cordel. Sua contribuição foi fundamental no processo de transformação da literatura oral em literatura oral escrita, isto é, o cordel.

Walter Ong (1998, p.20), ao diferenciar a escrita da tradição oral, diz:

[...]. A escrita faz com que as palavras pareçam semelhantes às coisas porque pensamos nas palavras como as marcas visíveis que comunicam as palavras aos decodificadores: podemos ver e tocar tais palavras inscritas em textos e livros. As palavras escritas são resíduos. A tradução oral não tem tais resíduos ou depósitos. Quando uma história oral contada e recontada não está sendo narrada, tudo que dela subsiste é seu potencial de ser narrada por certos seres humanos.

O autor realiza uma distinção entre escrita e oralidade atestando que a escrita apresentada em forma de resíduo encontra-se armazenada nos livros e textos sem sofrer modificações. Já a oralidade, por não possuir esses resíduos, está à mercê de transformações todas as vezes que for utilizada.

Além das distinções, existe também a relação entre escrita e oralidade, a primeira dependendo da segunda para existir. Para Ong (1998, p. 16) “[...] A expressão oral pode existir – e na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem oralidade”. Segundo o autor, nessa relação, a oralidade pode ser independente da escrita. Porém, a escrita sem oralidade é inexistente.

O surgimento da escrita também foi importante para oralidade para que houvesse o registro dos acontecimentos, que antes eram apenas anunciados verbalmente. Segundo Ong, (1998, p.52) “Obviamente, a escrita é conservadora a sua maneira [...]”. Ela passou a ser fundamental para literatura oral escrita, isto é, o cordel, pois ao ser escrita e impressa essa literatura facilitava a conservação dos versos, que antes eram apenas recitados de forma oral e circulavam verbalmente através da voz do público leitor e apreciador de poemas, correndo o risco de sofrer alterações ou até mesmo de se perder ao longo do tempo.

Nesse processo de surgimento da literatura oral escrita é citada a contribuição do poeta Leandro Gomes de Barros. Terra, (1983, p.17) destaca a importância de Leandro Gomes de Barros para o surgimento da literatura oral escrita:

[...] É possível que anteriormente algum cantador ou poeta popular tenha impresso poemas. Mas, Leandro foi sem dúvida o primeiro a produzir regularmente folhetos, possibilitando assim esta literatura em toda sua especificidade. Toma forma um conjunto de textos em permanente reedição. Tem início um processo peculiar de produção e comercialização e constitui-se um público para esta literatura.

A autora não descarta a possibilidade de terem existido outros poetas anterior a Leandro Gomes de Barros que também teriam imprimido folhetos. Mas ela ressalta que esse pombalense, em 1893, foi o primeiro a agir dentro das normas iniciando o processo de produção, impressão e comercialização dos folhetos.

Melo, (2010, p.63) destaca a importância de Leandro Gomes de Barros nas seguintes termos.

Se existe alguma unanimidade entre os pesquisadores da literatura de cordel no Brasil, esta unanimidade é a importância atribuída à presença de Leandro Gomes de Barros como um dos pioneiros da “indústria” artesanal de folhetos, bem como quanto inquestionável valor artístico de sua obra.

A autora destaca a contribuição do cordelista para o surgimento da literatura escrita no Nordeste, pois ele foi o primeiro poeta a imprimir livretos em sua própria residência. Nessa mesma linha, Melo ressalta a importância que os cordéis de Leandro Gomes de Barros exerceram na sociedade.

Medeiros, (2007, p.24) também comenta o valor do cordelista Leandro Gomes de Barros e de suas obras.

“[...] O poeta não foi apenas o primeiro, foi o maior de todos os poetas populares do Brasil. Desbravador de uma seara nova, a da publicação dos folhetos, nenhum outro lhe arrebatou a palma na qualidade e quantidade da obra divulgada”.

A autora ressalta a importância de Leandro Gomes de Barros ao afirmar que não apenas limitou-se ao fato de ter sido o pioneiro na impressão de folhetos. Em muitas casas a

quantidade não justifica a qualidade, mas o poeta soube utilizar desses dois preceitos. Para conseguir o sucesso almejado na elaboração de suas obras fez uso desses dois pré-requisitos.

O cordelista buscava satisfazer seu público compondo os melhores versos possíveis e, segundo Medeiros, (2007) ele utilizava técnicas de deixar dois ou mais poemas incompletos no impresso para retornar a discussão no folheto seguinte. Era uma forma de atrair os leitores para adquirir mais folhetos, pois o impresso seguinte era a continuação do anterior. O folheto era uma espécie de novela, pois estas, assim como o cordel, tinham início, meio e fim.

O poeta, após reflexão, selecionava temáticas que despertam o interesse dos seus humildes leitores.

Curram (2003, p.53), apresenta que eram trabalhados por Leandro Gomes de Barros os seguintes temas:

[...] líderes do governo; programas políticos para acabar com a corrupção e o sofrimento do povo; tempos difíceis; eventos regionais, nacionais e até internacionais, quando afetassem o povo; as grandes secas, com a conseqüente migração de povos para fora do Nordeste; o cangaço e sua relação com a política. Em síntese, escreveu sobre os tempos mudados e suas conseqüências para as crenças, os valores e costumes do povo [...].

Na visão do autor, o cordelista, ao longo de sua carreira poética, abordou diversificados temas na produção de seus folhetos de cordéis.

Na época em que ocorreram as primeiras impressões de folhetos de cordel deu-se origem a formação de um público composto em sua maioria por pessoas iletradas. Terra (1983, p.35), ao falar da importância da literatura escrita afirma que: “[...]. O aparecimento da literatura popular impressa foi possível por ser difundida junto a um público de auditores; o fato dos folhetos serem escritos em versos facilitava sua memorização pelos ouvintes”. Sendo assim, os folhetos eram adquiridos por qualquer pessoa, mesmo sabendo que leitura era restrita a poucos. os letrados daquele período, ao realizarem a leitura dos folhetos em voz alta, contavam com a presença de um grande público que, atentos aos versos que estavam sendo declamados, tentavam memorizá-los.

Os livrinhos impressos na maioria das vezes retratavam como tema os problemas sociais existentes no sertão nordestino provenientes de questões estruturais, resultado de uma sociedade que no passado foi escravocrata, com raízes ligadas ao patriarcalismo e ao descaso

político. Então, os períodos de estiagem que afligiam a população originou a formação de grupos de cangaceiros e levadas de retirantes que saíam de região em região em busca da sobrevivência. Esse processo de migração dos nortistas para outras localidades foi fator preponderante para a difusão da literatura de cordel.

Na visão de Cascudo (1994, p.13)

Transmitem-se pelos folhetos em maior percentagem e oralmente pelos cantadores, pelos trabalhadores de enxada, pelos comboieiros e mascates, salineiros e cabeceiros, pelo povo que apanha algodão e corta palha de carnaúba, seringueiros, [...] caucheiros, garimpeiros jangadeiros, barcaceiros, pescadores, vaqueiros, “lambaios” de caminhões [...].

Para o autor, a literatura popular tinha diversificadas formas de transmissão. Essa literatura simples, assim como seu público, era divulgada através da voz e guardada na memória popular. Ela acompanhava os trabalhadores do sertão para qualquer lugar do mundo. Um exemplo a ser citado é o que ocorreu na Amazônia, no final do século XIX e início do século XX. No momento do auge da produção da borracha, o estado foi alvo desse processo migratório nordestino.

3.2 folhetos de cordéis

Acidade de Pombal, a partir da segunda metade do século XIX, serviu de palco para o surgimento de muitos poetas, porém apenas Leandro Gomes de Barros conseguiu obter sucesso mundial.

Vejamos o que coloca o poeta pombalense Belarmino de França *apud* Sousa (2007, p. 08) sobre Leandro Gomes de Barros:

Leandro Gomes de Barros
Pra versar nasceu dotado
Entre todos os poetas
Foi sempre o mais inspirado
Ele morreu, mas deixou
Seu nome imortalizado.

Sou filho da mesma terra
Onde Leandro nasceu
Pombal meu torrão natal

Nos pertence, é seu e meu
 Certo que meu dom poético
 Ficou bem longe do seu.

O poeta vem através desses versos exaltar a figura de Leandro Gomes de Barros. Poeta, que na visão do autor, era detentor de uma grande inteligência.

Na forma de pensar de Seixas, (2004, p.348) “[...] o poeta já nasce feito”. em sua visão, os poetas pombalense teriam feito sucesso em qualquer localidade, porque para ele os verdadeiros poetas já nascem providos de criatividade. A partir dessa perspectiva, tanto Leandro Gomes de Barros, quanto Silvestre Honório Rodrigues, teriam tido repercussão de qualquer forma e em qualquer lugar do mundo. mas nesse ponto há discordância com afirmação de Seixas, pois uma série de quesitos foram fundamentais para a fama de Leandro Gomes de Barros. O cordelista pode até ter desenvolvido uma habilidade maior, se comparado aos outros poetas pombalense, mas para obter sucesso foi influenciado por fatores sócio-culturais. No início da carreira, Leandro Gomes de Barros também teve contato com família de cantadores que residiam em Teixeira, região onde foi morar, sem falar no convívio com pessoas eruditas, seguindo ainda a disponibilidade que ele tinha de viajar e vender seus próprios cordéis.

Podemos citar aqui alguns motivos que proporcionou todo o sucesso de Leandro Gomes de Barros frente à literatura de cordel. O primeiro deles refere-se ao fato de ele ter sido, segundo Seixas (2004), o único poeta de sua época a ter se ausentado da cidade ainda quando criança. Indo morar em uma área maior, local mais propício para realização de trocas culturais e surgimento de novas ideias.

Podemos citar como segundo motivo que pode ter contribuído com sua formação foi sua saída de Pombal para residir na vila de Teixeira.

Para Melo, (2010, p.63)

A iniciação de Leandro Gomes de Barros no universo da poesia se deu na vila de Teixeira, na Paraíba, numa experiência que foi decisiva para sua formação poética, pois conviveram com um grupo de cantadores extremamente talentosos, todos os membros da família Nunes da Costa.
 (...)

Para a autora, foi em Teixeira onde tudo teve início, pois nessa região que Leandro Gomes de Barros se relacionou com poetas e cantadores, por exemplo: Ugulino Nunes da

Costa* e Nicandro Nunes da Costa*.⁶ Essa relação foi primordial para o desenvolvimento de sua capacidade, criatividade e inserção no mundo da poesia.

A convivência de Leandro Gomes de Barros com a família adotiva e o contato com o padre Vicente Xavier de Farias, que o levaram de Pombal para residir em Teixeira, serve como o terceiro motivo que contribuiu para a sua formação, já que os padres eram erudito e possuíam uma biblioteca. Logo, Leandro Gomes de Barros pode apreciar estes livros e se apropriando da leitura para se alfabetizar.

O quarto motivo questionado que possibilitou esse sucesso é a observação que Leandro Gomes de Barros realizava antes de escrever seus cordéis, procurando identificar os fatos que estavam ocorrendo na época. De acordo com Melo (2010, p.64),

“[...] Leandro Gomes de Barros buscava estabelecer uma identificação entre seu texto e o público, ao privilegiar os costumes presentes na vida dos trabalhadores dos sertões do início do século XX: a vaquejada, as feiras de gado, as histórias imaginadas dos vaqueiros. [...]”.

Sendo assim, antes de escrever seus cordéis, o cordelista analisava quais eram os acontecimentos mais marcantes do momento para posteriormente versejar sobre aquela temática.

Pode ser destacado como quinto fator o papel desempenhado pelos jornais da época. Segundo Melo, esses jornais abriram espaço em suas páginas para que houvesse a divulgação dos versos de Leandro Gomes de Barros, tornando-o o cordelista conhecido dos leitores. Antes a divulgação dos cordéis ocorria nas feiras livres das cidades do interior, onde os poetas declamavam seus versos. a implantação de versos nos jornais seria uma nova forma encontrada pelos cordelistas para apresentar seus cordéis ao público leitor, ampliando ainda mais as vendas.

Muitos dos folhetos de Leandro Gomes de Barros eram produzidos com base nos acontecimentos históricos que estavam ocorrendo no país. Por esse motivo, posteriormente, muitos desses serviram de documentação utilizada na produção da história do Brasil.

De acordo com Santos, *apud*, Curran (2003, p.27) “[...] O folheto brasileiro surgiu nos finais do século XIX e, desde a sua mais antiga produção, vem testemunhando os fatos decisivos da História do Brasil”. De acordo com a autora, após o surgimento dos folhetos, os

⁶ Ugulino Nunes da Costa e Nicandro Nunes da Costa eram cantadores, filhos do cantador Agostinho Nunes da Costa. MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. p.3

cordelistas na produção dos impressos fizeram uso muitos assuntos. Entre eles está a própria História brasileira que serviu como tema para a realização de muitos trabalhos.

É nesse véis que o autor Mark Curran, em sua obra “História do Brasil em Cordel”, (2003) ao realizar um trabalho sobre a história popular utilizou alguns poemas presentes em folhetos de autoria de muitos cordelistas, inclusive de Leandro Gomes de Barros. Serviram como fonte para sua obra os seguintes poemas: *O Dinheiro*, *Panelas que Muitos Mexem*, *Um Pau com Formigas*, *As Proezas de Antônio Silvino*, *As lágrimas de Antônio Silvino*.

Segundo Santos (2011 p.21),

Os seus cordéis têm servido
De fonte de inspiração
Para estudos e pesquisas,
Teses de dissertação,
Prosa, verso e poemas,
Conto, filmes e outros temas
De ampla repercussão.

Os folhetos de autoria de Leandro Gomes de Barros além de servir para construção de trabalho acadêmica influenciaram na produção de peças teatrais. Suassuna *apud* Sousa (2007, p.7) afirma que: “[...]; para mim o príncipe dos poetas brasileiros é Leandro Gomes de Barros, autor de dois dos três folhetos em que me inspirei para escrever o Auto da Compadecida [...]”. Os clássicos de Leandro Gomes de Barros, *O Cachorro dos Mortos e o Cavalo que Defecava Dinheiro*, foram obras utilizadas pelo teatrólogo pernambucano Ariano Suassuna na construção da sua obra “O Alto da Compadecida”, filme que ganhou a medalha de ouro da Associação Brasileira dos Críticos Teatrais em 1955.

3.3 Análise do folheto “História da Donzela Teodora”

No ano de 1893, Leandro Gomes de Barros publicou o seu primeiro folheto de cordel em nosso país, momento em que se registra a passagem da literatura oral para literatura oral escrita, cordel.

Nemer (2007, p.11) explica a passagem do oral para o escrito:

Devemos, no entanto, lembrar que não se trata da eliminação da oralidade a favor da escritura. Pelo contrário, é justamente porque preservou, através das métricas e rimas, os traços da oralidade que a sua transmissão continuou a ser realizada, predominantemente, pela via oral.

A autora explica a relação existente entre essas duas literaturas, dizendo que o surgimento da literatura escrita não implicará no fim da literatura oral, pois o registro que ocorre através do cordel será uma forma de preservação da oralidade.

Na concepção de Nemer (2007), o cordelista Leandro Gomes de Barros, na elaboração de suas obras, fez uso de dois campos temáticos. O primeiro referencia o campo da atualidade, os temas da época, aqueles que mais chamavam atenção da população. O segundo era os temas tradicionais inspirados em histórias, a exemplo da *História da Donzela Teodora*.

O folclorista Câmara Cascudo, (1994, p.42) ao falar da origem do folheto *História da Donzela Teodora* relata: “Recebemos a *Donzela Teodora* de Portugal e Portugal de Espanha”. mediante o exposto de Câmara Cascudo, constatamos que esse livreto foi publicado pela primeira vez na Espanha, mas sua chegada ao Brasil ocorreu através dos colonizadores portugueses.

Nemer (2007, p.04) explica a chegada do impresso ao nosso país da seguinte forma:

[...] Ao longo de sua trajetória da Península Ibérica até o Brasil, onde teria chegado em folhetos impressos trazidos pelos colonizadores, ela foi pouco a pouco se afastando de suas raízes eruditas e se transformando em novela popular. Em torno de 1840 a história da donzela começou a circular em impressões brasileiras, mas o seu modo predominante de transmissão continuou sendo oral pelo menos até o final do século XIX, quando foi publicada a versão de Leandro Gomes de Barros.

De acordo com a autora, os portugueses trouxeram a *História da Donzela Teodora* para o nosso país em forma de livretos impressos. Com o tempo esse folheto sofreram modificações, popularizando-se e transformando-se em novela. Na década de 40 do século XIX, essa história mais uma vez passa por transformações, pois passa a circular uma versão brasileira que se difundia através da transmissão verbal, permanece sendo divulgada de boca em boca até o final do século XIX, quando é impressa por Leandro Gomes de Barros.

A transformação da *História da Donzela Teodora* de oralidade em escrita, através da impressão de folhetos por Leandro Gomes de Barros, só veio reforçar a importância de sua cordelística para o nascimento e desenvolvimento da literatura oral escrita em nosso país.

De acordo com Cascudo, (1994, p.09) “A novelística, metodizada no século XIX, valorizou os elementos da cultura popular pela identificação das origens e conhecimentos das áreas de influência temática”. Aqui no Brasil, o folheto popular a *História da Donzela Teodora* é de autoria do cordelista Leandro Gomes de Barros. O Livreto escrito em forma de novelística assumia a função das novelas atuais. Dessa forma, o livreto impresso apresentava início, meio e fim representando uma forma de diversão e entretenimento para o público leitor.

Segundo Cascudo, (1994, p.24) “A influência da novelística tradicional no sertanejo vivia nas imagens comparativas, nas alusões sentenciosas, na recordação dos episódios tidos como verídicos [...]”. Então, a novelística exercia uma grande influência na vida dos sertanejos, pois seus acontecimentos eram vistos pelos ouvintes como fatos que realmente haviam ocorrido.

Ainda Cascudo, (1994, p.16) diz: “Ao lado dos processos populares de conservação dos temas, circulação e modificação das fórmulas iniciais e finais, da adaptação às condições ambientais, fauna, costumes, mentalidade, a literatura oral é essencialmente a Novelística [...]”. Se a literatura oral é novelística, então aqui no Brasil a novelística é a representação da literatura oral, só que impressa em forma de folhetos.

Leandro Gomes de Barros, além de ser o responsável pela passagem da *História da Donzela Teodora* de oral para o impresso, ele também se apropriou da forma original dessa novelística e a transformou em versos, rimas, compostos por 142 sextilhas popularizando a história.

Barros *apud* Cascudo, (1994, p.167) relata a adaptação feita na *História da Donzela Teodora* dessa forma:

Caro leitor, escrevi
Tudo que no livro achei
Só fiz rimar a história
Nada aqui acrescentei
Na história grande dela
Muitas coisas consultei.

No contexto deste folheto *História da Donzela Teodora* a mulher é vista como símbolo de inteligência. e assim, a donzela que se chamava Teodora, além de representar grande formosura, era muito sábia. O rei de Túnis, Almançor, para testar a capacidade da

donzela, ordenou que fossem chamados os três melhores sábios do seu reino, para que pudessem desafiá-la.

Barros *apud* Cascudo (1994, p.167) assim descreve a capacidade de Teodora:

Ficaram todos os sábios
Daquilo impressionados
Pois uma donzela escrava
Vencer três homens letrados
Professôres de ciências
Doutôres habilitados.

Esta sextilha da novelística também tem por objetivo, mostrar a figura feminina representada por Teodora, como heroína, pois ela ao vencer os sábios do rei, consegue livra seu senhor da falência.

Barros, *apud* Cascudo, (1994, p.167) relata o retorno da heroína e seu dono para casa após vencer os sábios, dessa forma:

Voltou ela e o seu senhor
À casa, antiga morada
Por uma guarda de honra
Voltou ela acompanhada
O senhor dela levando
Uma fortuna avultada.

O objetivo do poeta Leandro Gomes de Barros, ao imprimir a *História da Donzela Teodora*, vai além de querer apenas transformar a oralidade em escrita. Tinha também por finalidade obter lucros a partir da venda dos folhetos. o folheto de cordel se tornava um produto comercial e na elaboração dos livretos os poetas cordelistas adotavam técnicas que possibilitasse o seu sucesso com o público leitor.

Vejamos o que diz Nemer (2007, p.8)

No que diz respeito à literatura de cordel há também, na passagem do padrão oral para o impresso, uma mudança de finalidade: aqui a história já não representa um fim por si só; ela é escrita para ser vendida.

Nesta linha temática, Leandro Gomes de Barros, na condição de poeta popular, ao realizar uma adaptação da história original da Donzela em versos cria uma nova roupagem da *História da Donzela Teodora* para torná-la mais compreensível a população.

logo concluímos que Leandro Gomes de Barros foi responsável pelo surgimento da literatura oral escrita. E apesar de não ter sido o único poeta pombalense de sua época, ele conseguiu se destacar no cenário mundial. Seus cordéis tiveram tanta repercussão que o cordelista conseguiu se manter apenas com as vendas de seus folhetos. Leandro Gomes de Barros se apropriava de histórias que já existiam e faziam sucesso com o público para depois imprimi-las. Essa apropriação vem ressaltar ainda mais a importância do pombalense no processo que culminou em literatura oral escrita.

Assim, foi o que aconteceu com a *História da Donzela Teodora* de origem européia, era tão popular que segundo Cascudo, (1994) estava entre os “Cinco livros do povo” obra que relata a história de cinco pequenas novelísticas à exemplo da *Donzela Teodora, Imperatriz Porcina, Roberto do Diabo, Princesa Magalona, João de Calais e História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França*. Estes cinco folhetos, eram os que mais circulavam na sociedade da época.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o levantamento bibliográfico realizado neste estudo, percebemos que sua importância não se deteve apenas em apresentar as contribuições do cordelista Leandro Gomes de Barros no processo que culminou na transformação da literatura oral em literatura oral escrita, no período referente ao final da década de 80 do século XIX até a primeira década do século XX. Pois, a pesquisa teve início com a apresentação dos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais da cidade de Pombal, local onde nasceu o cordelista Leandro Gomes de Barros. Trabalhou-se a importância dos poetas da época para a disseminação da literatura oral na sociedade pombalense. também houve a apresentação da biografia de Leandro Gomes de Barros.

Como a finalidade de relatar a chegada do cordel no Norte, área que posteriormente iria ser designada como Nordeste. O segundo capítulo relaciona o surgimento do cordel com os discursos que posteriormente oficializaram uma nova região para o país. Desse modo, destacou-se o cordel como elemento popular, mostrando que ele exercia funções informativas e entreter o público assíduo de poesia. Abordou os principais cuidados que os poetas cordelistas precisam no processo de elaboração dos cordéis, a começar pela escolha do tema. a pesquisa também abriu parágrafo para ressaltar a importância da escrita na composição das rimas. A conclusão ocorreu com o destaque concedido à criação da Tipografia Perseverança, de propriedade do poeta Leandro Gomes de Barros, para a divulgação da literatura oral escrita, porque essa Tipografia possibilitou um aumento no número de folhetos, contribuindo, assim, com uma maior circulação dos livretos.

E para finalizar o trabalho, o último capítulo trouxe descrições concedidas por alguns autores, ressaltando a importância do poeta cordelista Leandro Gomes de Barros, que foi o pioneiro no processo de escrever e imprimir cordéis, tornando-se o pai da literatura oral escrita, na região que hoje conhecemos por Nordeste. Ao longo da carreira, ele produziu centenas de cordéis. Foi realizada a análise do folheto *História da Donzela Teodora*, objetivando relatar a importância que esse folheto de origem européia representou para a literatura oral escrita do então Norte, após ser impresso por Leandro Gomes de Barros.

No decorrer da elaboração desta pesquisa surgiram algumas dificuldades, como, por exemplo, a coleta de material. “Casa da Cultura” localizada em Pombal disponibilizou alguns acervos não satisfatórios para se realizar um trabalho a nível acadêmico. , além de não manter

um bom funcionamento Isso se deve ao fato que o maior número de documentação sobre a história da cidade esta concentrada nas mãos de particulares.

Leandro Gomes de Barros não foi o único poeta pombalense nascido no final do século XIX. Na cidade houve o nascimento de poetas como, Silvestre Honório, Cazuza Ferreira, Belarmino de França e Chica Barrosa. Porém dentre estes poetas, Leandro Gomes de Barros foi quem recebeu destaque mundial. Comparando-se aos outros colegas de profissão, ele teve mais oportunidade em desenvolver seus conhecimentos. Os fatores que merecem destaques são: ter se mudado de Pombal para residir em Teixeira, cidade onde manteve contato com família de cantadores; habilidade que tinha em escrever e imprimir seus próprios folhetos; somado a disponibilidade que tinha em viajar para comercializá-los. Ele além de ter escrito centenas de cordéis, também observava as estórias orais que faziam sucesso com o público, se apropriava das mesmas, e transforma em folhetos e depois comercializava. Foi o que aconteceu com a *História da Donzela Teodora* de origem europeia chega ao nosso país através dos portugueses. E segundo Cascudo (1994), assim como os folhetos Imperatriz Porcina, Roberto do Diabo, Princesa Magalona, João de Calais e História do Imperador Carlos Magno e dos Doze pares da França faz parte dos “Cinco livro do povo”. Nesta perspectiva Leandro Gomes de Barros, ao perceber a importância da *História da Donzela Teodora* e a imprime, transformando-a em literatura oral escrita.

Este trabalho carrega grande relevância para a cidade de Pombal. Abordou um tema que até então, nenhum historiador pombalense havia se interessado em estudar. Diante das questões analisadas acerca desta pesquisa, podemos constatar que ela abre um leque de possibilidades para o desenvolvimento de trabalhos futuros. Como realizar um estudo sobre a poética de outros poetas pombalense, à exemplo de Belarmino de França, Chica Barrosa, Silvestre Honório, Cazuza Ferreira dentre outros. Levando em conta a diversidade de cordéis presente no acervo de Leandro Gomes de Barros, pode-se também estudar sua poética através da análise de outros cordéis de sua autoria.

REFERÊNCIAS

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e verso**. São Paulo: Acatu, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ANTOLOGIA da literatura de cordel. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, 1978. p. 09-41.

BAPTISTA, F. Chagas. **Cantadores e poetas populares**. Parayba: Popular Editora, 1929.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1994.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

COSTA, Maria José Ferreira da. **A arte do improviso na poética de Geraldo Alves: o sertão ao som da viola**. 146f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: Editora Universitária, 2003.

DANTAS, José de Sousa. **Pombal cantando em cordel**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2011.

LIMA, Caline Genise de Oliveira. **A mulher na literatura de cordel: uma abordagem léxico-semântica**. 164f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MEDEIROS, Irani. **Chica Barrosa: a rainha negra do repente**. João Pessoa: Idéia, 2009.

_____. Leandro Gomes de Barros e a poesia do povo. **Cordeletras**, a.1, n.3, jul. 2007. p. 24-25.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

NEMER, Sylvia Regina Bastos. O folheto popular e as revistas ilustradas: os circuitos de comunicação cidade/sertão na virada do século XIX para o século XX. **Fênix**, a. 5, v. 5, n. 2, abr./maio/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/vol13Sylvia.php>>. Acesso em: 25 out. 2012.

NOGUEIRA, Angela Maciel. **Origem e características da literatura de cordel.** Artigo (Licenciatura Plena em Letras/Inglês) – Faculdades Integradas de Ariquemes, Ariquemes, 2009.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Campinas: Papyrus, 1998.

PELLEGRINI FILHO, AMÉRICO. **Literatura de cordel continua viva no Brasil.** Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Vozes%20do%20cordel.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel.** 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SEIXAS, Wilson Nobrega. **O velho arraial de piranhas.** 2. ed. João Pessoa: Grassed, 2004.

SILVA, Edivania Alexandre da. **“O mundo está as avessas”:** relações, tensões e enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de Barros – Recife (1900-1920). 196f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Nossa história, nossa gente: a cruz da menina de Pombal.** Campina Grande: Gráfica Martins, 2010.

_____. **A trajetória política de Pombal.** João Pessoa: Imprell, 1999.

_____. **Nossa história, nossa gente:** Maringá. Campina Grande: Gráfica Martins, 2007

_____. **Nossa história, nossa gente:** homenageado Leandro Gomes de Barros. Pombal: Secretaria de Trabalho e Assistência Social, 2007.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas:** a literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

SILVA, José Fernando Souza. **Biografia.** Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/JoaoMartinsdeAtaide_biografia.ctd.html>. Acesso em: 26 out. 2012.

VIANA, Arievaldo. **140 anos de nascimento de Leandro Gomes de Barros, o rei da literatura de cordel.** Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel77.htm>>. Acesso em: 04 maio 2012.

BENJAMIN, Roberto. **Biografia.** Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/JoaoMartinsdeAtaide_biografia.ctd.html>. Acesso em: 26 de outubro de 2012.